



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

LETRAS, ARTES E MEDIAÇÃO CULTURAL

**EMPODER[A(R)-TE]
OFICINAS DE EMPODERAMENTO ATRAVÉS DA ARTE-EDUCAÇÃO**

**ARIADNE TAISSA DIAS PIRES
FERREIRA**

Foz do Iguaçu
2021

**EMPODER[A(R)-TE]
OFICINAS DE EMPODERAMENTO ATRAVÉS DA ARTE-EDUCAÇÃO**

ARIADNE TAISSA DIAS PIRES FERREIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Letras, Artes e Mediação Cultural.

Orientadora: Profa. Dra. Angelene Lazzareti

Foz do Iguaçu
2021

ARIADNE TAISSA DIAS PIRES FERREIRA

EMPODER[A(R)-TE]
OFICINAS DE EMPODERAMENTO ATRAVÉS DA ARTE-EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Letras, Artes e Mediação Cultural.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profa. Dra. Angelene Lazzareti
UNILA

Prof. Dr. Aníbal Orué Pozzo
UNILA

Profa. Dra. Cristiane Checchia
UNILA

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de ____.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): _____

Curso: _____

	Tipo de Documento
(.....) graduação	(.....) artigo
(.....) especialização	(.....) trabalho de conclusão de curso
(.....) mestrado	(.....) monografia
(.....) doutorado	(.....) dissertação
	(.....) tese
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais
	(.....)

Título do trabalho acadêmico: _____

Nome do orientador(a): _____

Data da Defesa: ____/____/____

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons Licença 3.0 Unported*.

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de _____.

Assinatura do Responsável

Dedico este trabalho à todas as mulheres que passam por meu caminho deixando suas vozes de luta ecoando em meu peito. Aos meus pais, irmão e avó por serem meu alicerce e acolhimento necessário.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha avó por ser meu maior exemplo de força e de mulher guerreira, que desde muito nova precisou lidar com esse sistema que nos oprime. À minha mãe por toda dedicação, por ter me passado seus valores com muito amor, por sempre ter priorizado minha educação o que facilitou meu ingresso em uma universidade pública de qualidade, você é minha maior inspiração. Ao meu pai por todo carinho, por enfrentar o que for necessário pela nossa família, como mais de mil quilômetros de estrada sem dormir para me buscar de volta ao porto seguro, e ser meu orgulho. Ao meu irmão por ser meu melhor amigo, por todo apoio emocional, pelo companheirismo, pelos desabafos e por seu meu neném perfeito. A minha madrinha Simone por todo apoio, por ter sempre me ensinado e influenciado a percorrer o caminho da arte, minha fada madrinha. Vocês são minha vida.

Agradeço a minha família, meus avós Daniel e Simão, meus tios Cristiano, Juliano e Joaquim, as tias Rose e Tatiany, meus primos Caio e Wesley e primas Íris, Lais e Luara pelas raízes, por todos os ensinamentos, debates e acolhimento extremamente necessário. Eu amo vocês.

Agradeço à Angelene Lazzareti, minha orientadora, por todo encorajamento, empatia, por acreditar em mim nos momentos em que nem eu acreditava, pelas escutas, por toda paciência, por mostrar que o caminho pode ser fácil quando compartilhado. Você é minha inspiração de educadora.

Agradeço minhas amigas Débora Barbosa, Gabriela Brunelli, Juliana Rodrigues e Taiane de Oliveira por todo suporte, incentivo e por caminharem comigo há mais de dez anos e principalmente nesse processo, mulheres mais que incríveis, eu amo vocês.

Agradeço ao Marcus Máximo por ter me apresentado o mundo dos eventos culturais em 2013 e incentivado a seguir o caminho dos meus sonhos.

Aproveito para agradecer todas as pessoas que por algum momento estiveram participando da construção dessa caminhada universitária, à todas as amigas, amigos e amigos que tornaram esse espaço mais feliz e acolhedor, com abraços e risada. Muito obrigada Carolina Guerra; Ana Luisa Hickmann; Vivien de Lima; Karen Campos; Vitória Assis; Mariana Matos; Luciana Yumi e as tris Hellen Capuzzo e Marianna Nunes; Rafael Marques; Rosario Pelozo; Paulo Maria, Amanda Barros e Lais Farias; e aos Olímpianos Ana Paula Winck, Caio Maia, Carlos Iandro, Francielle Yumi, João Lucas, Joseane

Ferreira, Leonardo Alves, Olavo Júnior, Paulo Fernandes, Pedro Ebert e Thamara Duarte. Cada um de vocês tem uma importância enorme em minha vida para que eu possa estar aqui hoje.

Um agradecimento especial às amigas Maria Rita Dominici pela ajuda na construção inicial do projeto Empoder[a(r)-te], à Ingrid Storniolo por ter me apoiado a realizar a primeira oficina e por ceder uma entrevista mesmo em meio às suas obrigações.

Agradeço à Universidade Federal da Integração Latino Americana - UNILA por ceder o espaço para que eu pudesse me descobrir e redescobrir até o último momento, pela oportunidade de me graduar nesse projeto de integração incrível do qual tanto me orgulho.

Agradeço também a todas professoras e professores, pelos ensinamentos compartilhados, por mostrarem na prática como a educação pode ser libertadora, por quebrarem os estereótipos de professores universitários que eu tinha construído. Eu me orgulho ainda mais da carreira que construí por ter tido contatos com professores e professoras tão maravilhosas que o curso de Letras, Artes e Mediação Cultural e a UNILA proporcionam. Em especial à professora Cristiane Checchia pelos incentivos em sala, pelo apoio, pelas aulas sensíveis em tempos difíceis e por estar sempre presente em momentos de luta, você também é inspiração para muitos. Ao professor Aníbal por ter oportunizado que eu exercesse minha criatividade, inspirando e incentivando para que este projeto pudesse estar hoje aqui. Aproveito também para agradecer a Patrícia Queiroz pelos momentos, até mesmo fora de seu expediente, em que me salvou em alguma questão administrativa da universidade, você é nosso anjo.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a todas as pessoas, especialmente as crianças, que participaram direta ou indiretamente do projeto Empoder[a(r)-te], vocês fazem parte dessa construção e de quem sou hoje.

*Não sou livre enquanto outra mulher for prisioneira,
mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas.*
Audre Lorde

FERREIRA, Ariadne T. D. Pires. **EMPODER[A(R)-TE] - oficinas de empoderamento através da arte-educação**, 2021, 69 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras, Artes e Mediação Cultural) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2021.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso em Letras, Artes e Mediação Cultural promove reflexões sobre o projeto Empoder[a(r)-te], que consiste em oficinas de arte-educação objetivando o empoderamento feminino. Além de apresentar o projeto em suas dimensões de gestão cultural e educação, é aprofundado o relato de uma oficina realizada com estudantes do Colégio Estadual Prof. Flávio Warken, localizado no município de Foz do Iguaçu - PR. As oficinas baseiam-se nas propostas da abordagem triangular de Ana Mae Barbosa e envolvem exibição de materiais audiovisuais e confecção de fanzines. Os debates gerados no projeto se relacionam com temas do feminismo como padrão estético e direitos da mulher.

Palavras-chave: Empoderamento; Arte-educação; Gestão Cultural; Oficinas; Fanzines;

FERREIRA, Ariadne T. D. Pires. **EMPODER[A(R)-TE] - empowerment workshops through art education**. 2021. 69 p. Bachelor's dissertation (Bachelor of Letter Art and Cultural Mediation) – Federal University of the Latin American Integration, Foz do Iguaçu, 2021.

ABSTRACT

The following Undergraduate Thesis for a degree in Languages, Arts and Cultural Mediation promotes reflexions on the Project Empoder[a(r)-te], which consists of art-education workshops aiming for female empowerment. Besides presenting the project in its cultural management and education dimensions, we also dive in a workshop report on a school named Colegio Estadual Prof. Flavio Warken, located in Foz do Iguaçu - PR. The workshops are based on Ana Mae Barbosa's triangular approach ideals and involves audiovisual materials as well as fanzine confections. Debates generates inside the project are relates to feminist issues such as esthetic patterns and women's rights.

Key words: Empowerment; Art Education; Cultural Management; Workshop; Fanzines;

FERREIRA, Ariadne T. D. Pires. **EMPODER[A(R)-TE] - talleres de empoderamiento mediante la educación artística**. 2021. 69 p. Trabajo de Conclusión de Curso (Licenciatura en Letras Artes y Mediación Cultural) - Universidad Federal de la Integración Latinoamericana, Foz do Iguaçu, 2021.

RESUMEN

El siguiente Trabajo de Conclusión de Curso de Letras, Artes y Mediación Cultural promueve reflexiones sobre el proyecto Empoder[a(r)-te], que consiste en oficinas de arte-educación objetivando el empoderamiento femenino. Además de presentar el proyecto en sus dimensiones culturales y educativas, esta profundizado el relato de una oficina realizada con estudiantes del Colegio Provincial Prof. Flávio Warken, localizado en el municipio de Foz do Iguaçu - PR. Las oficinas se basan en las propuestas da abordaje triangular de Ana Mae Barbosa y envuelven la exhibición de materiales audiovisuales y la confección de fanzines. Los debates generados en el proyecto se relacionan con temas del feminismo como padrón estético y derechos de la mujer.

Palabras clave: Empoderamiento; Arte Educación; Gestión Cultural; Taller; Fanzines;

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Representação ilustrada Abordagem Triangular.....	21
Figura 2 - Capa do fanzine Empoder[a(r)-te] Ayude Ya.....	27
Figura 3 - Conteúdo do fanzine Empoder[a(r)-te] Ayude Ya.....	28
Figura 4 - Primeira oficina do Empoder[a(r)-te], explicação sobre as Makenas.....	29
Figura 5 - Primeira oficina do Empoder[a(r)-te], debatendo temas assistidos	29
Figura 6 - Exibição do documentário <i>Indomables - una história de Mujeres Libres</i> (2012)	31
Figura 7 - Roda de conversa e oficina de zine e cartazes (2018).....	31
Figura 8 - Panfleto de divulgação do evento Ocupe o Museu realizado em 2018.....	32
Figura 9 - Oficina realizada no evento Ocupe o Museu.....	32
Figura 10 - Última oficina realizada no colégio Flávio Warken em 2019.....	33
Figura 11 –Evento político cultural <i>Catraca Cultural</i> em setembro de 2013 na cidade de São José dos Campos	36
Figura 12 –Espaço infantil no evento político cultural <i>Catraca Cultural</i> em julho de 2013 na cidade de São José dos Campos	37
Figura 13 - Mc Soffia dançando frente à graffite com elementos da cultura negra.....	40
Figura 14 - Mc Soffia e outras meninas com suas bonecas Makenas.....	41
Figura 15 - Crianças vestidas com lenços, turbantes na Pedra do Sal.....	42
Figura 16 - Mc Soffia com o com o punho fechado, referente à resistência.....	43
Figura 17 - Fanzines particulares de diversos movimentos, autoras e autores.....	45
Figura 18 - Fanzine do Projeto de Arte independente Alarme Feminista.....	45
Figura 19 - Fanzines criados pelas crianças em oficina do Empoder[a(r)-te].....	46
Figura 20 - Oficina do projeto Empoder[a(r)-te] no Colégio Flávio Warken.....	48
Figura 21 - Oficina que a professora Ingrid Storniolo realizou.....	50
Figura 22 - Oficina realizada pelo projeto Empoder[a(r)-te] com meninas entre 16 e 17 anos no colégio Flávio Warken.....	56

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 CAPÍTULO 1.....	19
3 CAPÍTULO 2.....	34
4 CAPÍTULO 3.....	50
5 ANEXO I TERMO ENTREVISTA.....	59
6 ANEXO II PROJETO.....	60
7 BIBLIOGRAFIA.....	66
8 REFERÊNCIAS ARTÍSTICAS.....	69

1. INTRODUÇÃO

“Recordar: Do latim re-cordis, tornar a passar pelo coração.” (Galeano, 1995)

Foi assim que Eduardo Galeano, jornalista e escritor uruguaio, iniciou *O livro dos abraços*, nos trazendo conhecimentos do interior de cidades da América Latina por onde passou além de reflexões sobre liberdade, lições sobre mundo, prisão, sonhos e realidades. Deveríamos todos poder escrever nosso próprio livro, abraçando nossas memórias assim como Galeano fez, lembrando cada vivência como uma história a ser contada, confortando nosso presente com lições de outrora. É o que tento fazer com este trabalho, e antes de apresentar a proposta e objeto do mesmo, acredito ser importante apresentar como chego até aqui, trazendo essa narrativa como um relato pessoal.

Os processos envolvidos em ministrar oficinas e em criar um projeto de gestão cultural, foram a base, a estrutura e o alicerce para construir esta pesquisa, que é muito mais do que um documento que entregarei às professoras e professores e às instituições de pesquisa, é muito mais do que a burocracia exige. Projetar tal pesquisa me envolveu em uma tarefa sensível, de identidade e subjetividade, me levando ao encontro da Ariadne artista-educadora, gestora de projetos, ministrante de oficinas e produtora de eventos, tudo que antes eu não enxergava com convicção. Sempre tive incentivo para seguir minhas próprias escolhas, o que me permitiu buscá-las livremente, sabendo somente que queria seguir o caminho da cultura, esta pequena palavra que abarca inúmeros significados.

O primeiro contato com o universo cultural surgiu de fato em 2013, quando ainda estudava em cursos preparatórios para vestibular, sem saber ao certo qual seguiria. Especificamente em junho de 2013 nosso país passava por um conjunto de protestos com pluralidade de pautas e distintos campos ideológicos dividindo os mesmos espaços de luta. Não adentrando neste tema para além das frescas lembranças em minha memória dos eventos em que participei e construí, entrei em contato com o mundo de pautas políticas, feministas, da produção de eventos e gestão de projetos. Tudo era um novo mundo e eu tinha sede por experimentá-lo. Ajudei nessa época a realizar eventos como o *Catraca Cultural*, desenvolvido em praças da cidade de São José dos Campos, utilizando a arte como forma de gerar debate em torno de questões políticas e sociais. Neste evento, houve apresentações de teatro de rua e shows com cunho político, espaços de oficinas para crianças,

espaços para troca e doação de livros, toda a praça ocupada com diversas manifestações artísticas simultâneas. É sempre desse evento que recordo, pois foi a inspiração para a minha busca pela graduação no Curso de Letras, Artes e Mediação Cultural da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, no qual este trabalho insere-se.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso trata da reflexão sobre a arte-educação e o empoderamento feminino através das oficinas produzidas pelo projeto Empoder[a(r)-te]. As oficinas do projeto surgem para trabalhar a sensibilidade humana, ao propor um caminho distinto da mentalidade científica construída no ocidente, que diz que a “verdade” é objetiva, possível de ser tratada cientificamente e objetificada, onde o sujeito que estuda não pode criar vínculo com o objeto estudado. Nas oficinas, vínculos afetivos são criados e é inclusive isso que torna o desenvolvimento do trabalho mais positivo.

No primeiro capítulo abordo a construção do projeto, que passou até então por cinco etapas. Apresento também a Abordagem Triangular teorizada por Ana Mae Barbosa, que se constitui em três passos: contextualizar, apreciar e fazer – esta abordagem fundamenta as atividades das oficinas. No mesmo texto, reflito sobre os pensamentos de José Lezama Lima, poeta e pensador estético cubano, que em seus livros de ensaios abarca o tema da problemática da identidade latino-americana, ao utilizar poesias como mote para interpretar os contextos históricos. Seu método consiste em analisar uma obra a relacionando com outras obras a fim de gerar interpretações históricas construindo um imaginário poético, um lugar no mundo e uma história que pode ser construída novamente. “Si una cultura no logra crear un tipo de imaginación, si eso fuera posible, en cuanto sufriese el acarreo cuantitativo de los milenios sería toscamente indescifrable.” (LIMA, 2001, p. 58.) Neste capítulo relaciono as reflexões de Lima à abordagem proposta por Ana Mae Barbosa e à metodologia que venho construindo com as oficinas.

Este fragmento é acompanhado também da reflexão sobre os conceitos de *arte-educação* e *empoderamento*, elucidando sobre quais processos de empoderamento o projeto trabalha, ao desejar inverter o polo do sistema opressor. Através da arte-educação as oficinas convidam à uma movimentação interna de reflexões, podendo despertar potencialidades para que todas e todos questionem-se como indivíduos possivelmente oprimidos por um sistema opressor capitalista, racista e patriarcal. A partir dessa tomada de consciência, as ações do projeto articulam

ferramentas para que as e os participantes possam se reconstruir e se fortalecer nas bases sociopolíticas para então agir, ou ao menos saber como esse sistema age. Ainda neste capítulo apresento como as oficinas acontecem, quais linguagens artísticas são utilizadas e construídas. A partir da exibição de uma obra audiovisual refletimos coletivamente sobre o que foi exibido e, na condição deicineira e gestora, contextualizo sobre o fanzine e disponibilizo materiais para confecção até criarmos nossos próprios fanzines baseados nos temas debatidos. Encerro o capítulo percorrendo de forma panorâmica sobre o histórico do projeto e sobre as oficinas realizadas na cidade de Foz do Iguaçu- Paraná.

No segundo capítulo desenvolvo reflexões detalhadas sobre a primeira oficina do projeto Empoder[a(r)-te], realizada no ano de 2017, exemplificando como o tema da arte-educação é trabalhado de forma prática. Para isso, narro como foram realizadas as trocas com as participantes a partir de questões sensíveis ao feminino com ênfase em temas como corpo, raça e gênero. Acredito ser necessário aprendermos a lidar com o sistema patriarcal que nos domina há séculos, como exemplo, levo este trabalho ao século 17, quando a poetisa Sor Juana Inés de la Cruz destaca-se entre as mulheres que não podiam ter independência ou buscar os estudos, tendo que se manifestar secretamente. Naquele tempo, mulheres precisavam servir à sociedade como damas de companhias ou como religiosas, e para ter a liberdade de se dedicar aos estudos, Sor Juana decide seguir o caminho da religião, única via que lhe concedeu a oportunidade de estudar. “Yo no estudio para escribir, ni menos para enseñar (que fuera en mí desmedida soberbia), sino sólo por ver si con estudiar ignoro menos. Así lo respondo y así lo siento.” (CRUZ, 2006, p.4)¹. Ainda precisamos corresponder às expectativas da sociedade patriarcal, que nos cobra beleza, inteligência e perfeição. Ana Mae Barbosa, passou por algo parecido já no século 20, quando não pôde seguir a carreira:

Na nossa época, não era usual uma mulher jovem ir à universidade. Foi uma luta convencer minha avó a aceitar meu desejo de estudar na universidade. Havia apenas três cursos importantes a serem seguidos por um aluno excelente: Medicina, Direito e Engenharia. Eu tentei primeiro obter o apoio da minha avó para estudar Medicina. Por razões morais, ela proibiu. Como poderia uma mulher ver corpos nus lado a lado de seus colegas masculinos? Então eu decidi estudar Direito, mas eu precisava de dinheiro para pagar meus estudos. Segundo minha avó, eu tinha que trabalhar para estudar, mas o único trabalho aceitável para a mulher na minha classe social – a velha

¹ Trata-se de uma publicação digital localizada na Biblioteca Virtual Universal da carta “La Carta Atenagórica” escrita em novembro de 1960 por Juana Inés de La Cruz.

classe alta economicamente decadente – era ensinar. (BARBOSA, 2017, p. 347)

A partir desse debate, o projeto Empoder[a(r)-te] propõe então que cada vez mais cedo mulheres possam impor suas vozes, construindo e encontrando seus lugares e se posicionando em relação aos sistemas dominantes. Há muitas formas de produzir tais mobilizações, nas oficinas, o texto escrito junto ao desenho é uma das bases nas quais apoiamos nosso pensamento com a confecção do fanzine. O pensamento não precisa ser feito e construído de forma linear, como Sor Juana dizia, acredito ser preciso ter um direcionamento sobre a construção do que pensar, analisar, refletir para então construir. Conhecemos Sor Juana, pois ela teve as ferramentas da escritura e dos termos ocidentais, pois a sociedade, a Igreja e os homens permitiram que ela usasse sua voz, ainda que de forma controlada, para expressar o que pensava na sua época. Com o projeto Empoder[a(r)-te] criamos oficinas para que meninas utilizem outros tipos de ferramentas, fazendo com que suas vozes ecoem.

Ainda nesse capítulo, faço uma análise sobre o material audiovisual trabalhado na oficina, o videoclipe *Menina Pretinha* (2016) da Mc Soffia e foco na criação do fanzine de uma aluna específica, desenvolvendo a partir dele o tema da gordofobia e do padrão estético. Finalizo o segundo capítulo com o relato da professora Ingrid Storniolo, que levou suas estudantes para participar da oficina e ficou presente no espaço, comentando sobre seu olhar e sobre práticas relevantes para situações emergentes nas escolas.

Criar o projeto me fez ampliar visões de mundo para além dos estudos, ao ter contato com outras vivências, em cada oficina ministrada eu aprendo assim como aprendo com os livros. Acredito que seja isso o que a Sor Juana dizia ser estudar enquanto se está cozinhando.

No terceiro capítulo reflito sobre as escolhas em relação ao tema do projeto Empoder[a(r)-te], visando a continuidade da ação e o aprimoramento da mesma. Trata-se de um capítulo que aponta para o futuro que enxergo para o projeto, elencando quais ações são necessárias para qualificar minha formação enquanto gestora cultural eicineira. Mapeio as áreas nas quais desejo buscar estudos para fortalecer o projeto e também as instituições que poderiam prestar apoio, além de comentar o quão importante se fez enxergar tais detalhes a partir desta documentação.

Ainda neste capítulo cito duas experiências de silenciamento que vivenciei enquanto ministrava oficinas, pontos cruciais na percepção de que não existem lugares totalmente isentos de violência em uma sociedade pautada pela cultura sexista. Evidencio, neste debate, como ter aumentado minha rede de contatos com profissionais da mesma área foi benéfico, me trouxe mais conhecimento a partir de trocas e partilhas sobre o que vivenciamos. Ao compartilhar ideias para novas criações, além da representatividade e familiaridade, também reflito sobre a necessidade de aumentar a bagagem teórica em busca de formação. Os motivos dessa necessidade são evidenciados a partir de um exemplo prático de uma oficina, na qual um possível caso de abuso desenhado em um fanzine deixou nítido a necessidade de uma especialização em psicologia ou da importância da companhia de umaicineira que tenha conhecimentos nessa área para lidar com situações desse tipo. Finalizo o capítulo apontando um futuro possível para o projeto Empoder[a(r)-te].

Segundo Lezama, tudo é ficção, a imagem e a imaginação são o que guia a história e não o contrário. A história factual, a história dos livros, a história que se hegemoniza, a narrativa histórica considerada objetiva e factual é uma invenção da imaginação. Esta que tanto pode inventar um poema como pode imaginar uma nova era histórica. São as eras imaginadas e alimentadas de imaginários coletivos que disputam quem sobressairá, e para construir caminhos menos pautados pelo sistema patriarcal eu vi a necessidade da criação do projeto Empoder[a(r)-te]. E, assim, passamos a reconstruir e recontar nossa história contra esse sistema, realocando nosso lugar no mundo.

CAPÍTULO 1

 EMPQDER[A(R)-TE]

Empoder[a(r)-te], ou seja, empodera-te com arte, é um projeto fundamentado na arte-educação que prevê a realização de oficinas, focado na linguagem das artes visuais, em diferentes espaços como escolas e centros culturais comunitários. As oficinas são destinadas preferencialmente a meninas e mulheres e objetivam suscitar práticas e reflexões para um empoderamento criativo. Visa primordialmente somar com as participantes no início de uma transformação individual para assim podermos iniciar uma transformação coletiva, afirmação essa que nos traz Joice Berth em seu livro *Empoderamento (Feminismos Plurais, 2019)*, facilitando o rompimento com as estruturas de poder que se hierarquizam a custas dos grupos ditos minoritários.

O empoderamento individual e coletivo são duas faces indissociáveis do mesmo processo, pois o empoderamento individual está fadado ao empoderamento coletivo, uma vez que uma coletividade empoderada não pode ser formada por individualidades e subjetividades que não estejam conscientemente atuantes dentro de processos de empoderamento. É o empoderamento um fator resultante da junção de indivíduos que se reconstróem e desconstróem em um processo contínuo que culmina em empoderamento prático da coletividade, tendo como resposta as transformações sociais que serão desfrutadas por todos e todas. Em outras palavras, se o empoderamento, no seu sentido mais genuíno, visa a estrada para a contraposição fortalecida ao sistema dominante, a movimentação de indivíduos rumo ao empoderamento é bem-vinda, desde que não se desconecte de sua razão coletiva de ser. Como dito anteriormente, partindo das reflexões de Paulo Freire, a consciência crítica é condição indissociável do empoderamento. (BERTH, 2019, p. 35)

Se faz necessário, assim como Berth discute em seu livro, elucidar exatamente sobre quais processos de empoderamento refletimos. “O conceito empoderamento é instrumento de emancipação político e social e não se propõe a ‘viciar’ ou criar relações paternalistas, assistencialistas ou de dependência entre indivíduos” (BERTH, 2019, p.18). Em uma rápida busca por “projeto de empoderamento feminino” no Google damos de cara com uma extensa lista de projetos que fortalecem o meio corporativo e oferecem independência econômica às mulheres por meio de cursos, por exemplo, de bordados, manicure e auto-maquagem. Com o Empoder[a(r)-te] não visou oferecer oficinas com o intuito de que mulheres se “empoderem”

economicamente e passem a explorar outras mulheres e até mesmo homens, invertendo os polos de opressão, gerando na integrante uma visão individualista de identificação com o sistema opressor, sem consciência de si enquanto pessoa e membro de uma classe oprimida. Ao contrário, através da arte-educação nossas oficinas induzem à uma movimentação interna de reflexões, podendo despertar potencialidades para que todas e todos passem a se reconhecer enquanto indivíduos oprimidos de um sistema opressor capitalista, racista e patriarcal e possam se reconstruir e fortalecer nas bases sociopolíticas para então agir ou ao menos saber como esse sistema age, e sempre respeitando suas faixas etárias e reflexões geradas em cada contexto específico.

Quando assumimos que estamos dando poder, em verdade estamos falando na condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, e principalmente de um entendimento quanto a sua posição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor. Seria estimular, em algum nível, a autoaceitação de características culturais e estéticas herdadas pela ancestralidade que lhe é inerente para que possa, devidamente munido de informações e novas percepções críticas sobre si mesmo e sobre o mundo em volta, e, ainda, de suas habilidades e características próprias, criar ou descobrir em si mesmo ferramentas ou poderes de atuação no meio em que vive e em prol da coletividade. (BERTH, 2019, p.18)

No decorrer do livro, Berth desenvolve reflexões sobre a Teoria do Empoderamento abordado pelo mestre Paulo Freire em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (1987) e faz um paralelo sobre as pessoas em que Freire dizia não passar nem das primeiras páginas de seu livro por julgarem “blá blá blá”, expressão semelhante ao “mimimi”, empregada nas redes sociais. Outras, “por não quererem ou não poderem aceitar as críticas e a denúncia que fazemos da situação opressora, situação em que os opressores se ‘gratificam’, através de sua falsa generosidade” (FREIRE, 1987, p.16).

Como Berth afirma, Freire denunciava estas reações de intolerância, chamando-as de sectárias, vindas de pessoas que não sabiam lidar com a evidência de opressões e rechaçavam de pronto reflexões sobre teorias e práticas transformadoras ou emancipatórias. Sua teoria de conscientização parte do social e do coletivo, e não do individual. Para Freire, os próprios grupos oprimidos devem empoderar a si mesmos, desconfiando da docilidade das classes dominantes e das estruturas de poder. Parafraseando Berth (2019, p.32), Paulo Freire nos faz crer, que

há sim possibilidade, a partir de trabalhos sobre Empoderamento e Conscientização Crítica de indivíduos, que as pessoas desenvolvam sozinhas habilidades adormecidas pela atuação no meio em que vivem.

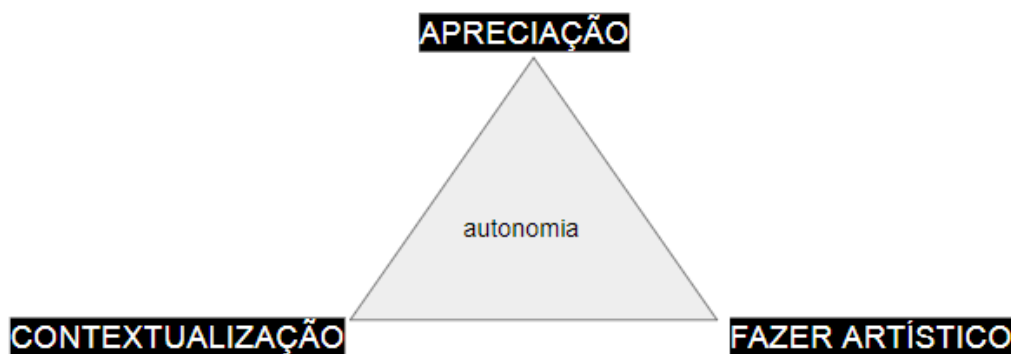
Em suas teorias, Paulo Freire não demarca gênero e por esse motivo, para sintetizar o tema do empoderamento, finalizo destacando a definição dada pela professora feminista norte-americana Nelly Stromquist:

O empoderamento consiste de quatro dimensões, cada uma igualmente importante, mas não suficiente por si própria, para levar as mulheres a atuarem em seu próprio benefício. São elas a dimensão cognitiva (visão crítica da realidade), psicológica (sentimento de autoestima), política (consciência das desigualdades de poder e a capacidade de se organizar e se mobilizar) e a econômica (capacidade de gerar renda independente). (STROMQUIST apud BERTH, 2019, p.32)

O projeto Empoder[a(r)-te] passou até então por cinco etapas, todas elas seguindo o protótipo aplicado desde a metodologia da Abordagem Triangular, teorizado pela professora e pesquisadora Ana Mae Barbosa, pioneira da Arte-Educação no país. A escolha da abordagem deu-se por sua constituição em três passos: contextualizar, apreciar e fazer, passos esses que ultrapassam a fronteira do campo da arte e facilitam o aprendizado em todo campo interdisciplinar.

A contextualização é a porta aberta para a interdisciplinaridade, para ligar com a história, para ligar com isso e com aquilo outro e para você ler sobre seu meio ambiente, para ler onde você está, porque é importantíssimo você ter consciência do seu meio ambiente, para você ter consciência de si mesmo dentro desse meio ambiente. (BARBOSA, 2018, p.108)

ABORDAGEM TRIANGULAR - ANA MAE BARBOSA



(Figura 1)

A arte-educação permite que aicineira ou educadora tenha liberdade em suas práticas, não sendo obrigada a seguir receitas padronizadas sobre como trabalhar com as participantes. Caso contrário se cria uma barreira no ambiente,

engessando o processo de criação, além de dificultar a formação de vínculos afetivos entre as participantes para que compartilhem suas vivências. Ana Mae (2018) pressupõe que a arte-educação facilite a comunicação e gere um maior interesse no conteúdo, absorvendo a troca que as oficinas oferecem, além das participantes se tornarem futuras comunicadoras em seus vínculos, difundindo o que foi filtrado por elas nas ações coletivas. Em entrevista ao SESC Barbosa afirma:

Essa arte da escola já influenciou o jovem da periferia. Quer dizer, essa arte que não é só o fazer, mas é o ver. Decodificar o que você ver, contextualizar, ver em relação ao contexto, à sociedade em que você vive. A história, ver a sua história pessoal, isso já formou outros jovens com essa relação, contaminados pela arte. (BARBOSA, 2018, p.106)

A arte está presente socialmente no desenvolvimento infantil, assim como nos mostra o Referencial Curricular Nacional Para A Educação Infantil (RCNEI):

[a] arte da criança, desde cedo, sofre influência da cultura, seja por meio de materiais e suportes com que faz seus trabalhos, seja pelas imagens e atos de produção artística que observa na TV, em revistas, em gibis, rótulos, estampas, obras de arte, trabalhos artísticos de outras crianças etc. (BRASIL, 1998, p. 88).

Todas as expressões artísticas que são apresentadas, o que se consome diariamente na TV, o convívio familiar com o histórico-cultural patriarcal enraizado, tudo terá forte influência em como uma criança passará a enxergar o mundo e a agir nele a partir de então. Conforme nos fazem refletir as professoras CANTO, BRITO e DIAS (2013, p. 706), é mediante a arte que a criança realiza sua leitura de mundo, entende o contexto em que vive e relaciona-se com ele, sendo de extrema importância que sua imaginação flua livremente e que seja sempre estimulada com propostas pedagógicas sensíveis, lúdicas, prazerosas e coerentes ao seu universo. Por esse motivo, no projeto buscamos apresentar influências culturais que fujam desse modelo e que as façam refletir, como, por exemplo, em episódios da série brasileira em desenho animado *Irmão do Jorel* (2014), criada por Juliano Enrico. A série traz reflexões sobre gênero, política, e simbolismos regionais que constroem uma linguagem identitária com o público desde o infantil até o adulto.

Por meio da arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica e assim analisar a realidade percebida, pela criatividade, de modo a mudar de alguma forma a realidade que foi analisada (BARBOSA, 2008, p. 18).

Ana Mae Barbosa foi aluna de Paulo Freire e baseia-se em suas ideias de práxis para a arte-educação. Assim sendo, ela propõe que a arte-educação seja uma ferramenta de ensino para todos os componentes curriculares, com educadores sempre atualizados, utilizando-se de símbolos regionais e artistas contemporâneos para que os estudantes alcancem o máximo de desenvolvimento.

A ideia é que arte-educação esclarecida pode preparar os seres humanos, que são capazes de desenvolver sensibilidade e criatividade através da compreensão da arte durante suas vidas inteiras. Outra ideia sustentada pelos mesmos cursos é que todas as atividades profissionais envolvidas com a imagem (TV, publicidade, propaganda, confecção, etc.) e com o meio ambiente produzido pelo homem (arquitetura, moda, mobiliário, etc.) são melhores desenvolvidas por pessoas que têm algum conhecimento de arte. (BARBOSA, 1989, p. 07)

Da mesma forma, o projeto Empoder[a(r)-te] objetiva com sua proposta, através de oficinas e intervenções culturais, organizar e construir a partir de relatos, vivências e processos coletivos de resistência o empoderamento de meninas e mulheres. As oficinas que realizo com o projeto basearam-se nas propostas do método Ler-Fazer-Contextualizar. Por esse motivo o projeto visa sempre iniciar com a exibição de uma obra audiovisual para depois refletirmos sobre o que foi exibido. Como exemplos de ações já realizadas, inicio as oficinas exibindo materiais como o videoclipe *Menina Pretinha* (2016) da Mc Soffia, episódios da série brasileira em desenho animado *Irmão do Jorel* (2014) e o documentário *Indomables-una historia de Mujeres Libres* (2012) dirigido por Juan Felipe.

Em seguida, durante a oficina, sigo para a ação de explicar brevemente sobre o conceito de fanzines, e exponho uma das maneiras sobre a qual me interessa confeccioná-lo, além de sempre deixar em exposição outros modelos particulares. Após finalizar a confecção, ou mesmo durante a criação, refletimos sobre o tema abordado, e contextualizamos as criações em relação ao que foi exibido como material inicial. Logo, relacionamos a reflexão ao diálogo de forma que o conteúdo proposto seja absorvido, sendo capaz de ultrapassar o individual para atingir o social deste e assim transformá-lo.

O fanzine, termo que provém do inglês (fan + magazine = revista do fã, revista amadora), caminha junto com a teoria proposta por Barbosa, pois ele se coloca contra a formalidade educacional que segue estatutos ainda engessados em relação à integração interdisciplinar. De acordo com Gazy Andraus (2019, p. 2309) a especificidade dos fanzines é mantê-los livres de encarceramentos editoriais, ao

disseminar ideias artisticamente e manualmente sobre temas livres e variados, frequentemente políticos, onde qualquer pessoa pode produzir e distribuir por um valor simbólico ou até mesmo gratuitamente por tratar-se de revistas independentes.

Os temas das oficinas se baseiam no empoderamento, auxiliando mulheres a reconhecerem-se como indivíduos que podem falar e viver por si, e mesmo ao enfrentar dificuldades envolvendo questões de gênero, podem ocupar e resistir em seus espaços, uma vez que vivemos em uma sociedade patriarcal que por muitas vezes reprime nos silenciando. Muitas vezes as oficinas do projeto introduzem o diálogo sobre feminismo em ciclos onde tal tema não chegaria com leveza e facilidade.

Projetos coletivos como o Empoder[a(r)-te] são ações de luta, são o resultado da junção de indivíduos, que proporcionam reflexões sobre emancipação, onde o pensamento social não fecha-se somente para mulheres. Empoderamento é instrumento de todos, não somente do feminismo, por esse motivo o coletivo não deve se desvincular do individual, parafraseando Berth não haverá uma mulher empoderada enquanto todas não estiverem. Ainda segundo a pensadora:

Essa visão superficial, que se descola daquela proposta pelas feministas do Sul Global, levou a desentendimentos, ou melhor, ao entendimento de que empoderamento feminino é a superação individual de certas opressões, mas sem romper de fato com as estruturas opressoras. Explico: é julgar que se empoderar é transcender individualmente certas barreiras, mas seguir reproduzindo lógicas de opressões com outros grupos, em vez de se pensar empoderamento como conjuntos de estratégias necessariamente antirracistas, antissexistas e anticapitalistas e as articulações políticas de dominação que essas condições representam. (BERTH, 2019, p. 35)

Neste contexto, são necessárias políticas culturais para romper com o conceito de subalternidade e facilitar que todos os corpos ocupem todos os espaços que façam sentido para suas vidas.

Outro segmento levantado através do empoderamento é a autoestima, a empatia e a solidariedade entre as mulheres que, a partir daí, são capazes de romper com as categorias criadas pela sociedade patriarcal. Faz parte dos objetivos do presente projeto encorajar as mulheres a se imporem e lutarem pelos seus ideais, desconstruindo padrões sexistas e contribuindo para que novas formas de relacionamento feminino sejam construídas. Nossa sociedade cria inseguranças sobre os corpos femininos e a intenção do Empoder[a(r)-te] é enfraquecer esta prática, promovendo laços de companheirismo feminino e reflexões sobre esse tema,

auxiliando no processo de aceitação estética e passando confiança para as integrantes.

O projeto Empoder[a(r)-te] surgiu em março de 2017 na necessidade do desenvolvimento de um projeto piloto ao longo da disciplina Gestão Cultural² ministrada pelo professor Aníbal Orué Pozzo. O tema do projeto foi construído a partir do conjunto de reflexões desenvolvidas após meu envolvimento com os coletivos feministas presentes no âmbito da Universidade Federal da Integração Latino-Americana e com o Fórum Permanente de Equidade de Gênero. O trabalho foi desenvolvido a partir dos principais conceitos das Letras, Artes e Comunicação, áreas nas quais está inserido o curso Letras, Artes e Mediação Cultural da UNILA, localizada na cidade de Foz do Iguaçu, no Estado do Paraná, fronteira trinacional entre Brasil, Paraguai e Argentina.

Para explicar o porquê do despertar de interesse na escolha do tema, preciso iniciar citando o projeto pedagógico da universidade e minha experiência enquanto aluna e moradora da região fronteiriça. A UNILA foi sancionada em 12 de janeiro de 2010, pela Lei nº 12.189/2010 pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva e contribui para o avanço da integração latino-americana, com ênfase no Mercosul, ofertando cursos de graduação e pós-graduação em todos os campos do conhecimento, aberto para docentes, discentes e pesquisadores de todos os países da América Latina.

O termo “latino-americana” não se limita à concepção de uma América Latina como um continente nascido da colonização ibérica, mas compreendendo todos os países do continente americano que possuem português, francês ou espanhol, bem como outros idiomas derivados do latim. Alcança quase a totalidade da América do Sul, exceto a Guiana e o Suriname, influenciados pela cultura anglo-saxã; compõe todos os países da América Central e também alguns países do Caribe, como Barbados, Haiti e Cuba; México como único país da América do Norte; além das mais diversas regiões geográficas brasileiras. A UNILA é um espaço de convívio entre as culturas, que impulsiona a migração de estudantes em direção ao sonho do direito à universidade pública de qualidade, coexistindo com novas culturas, novas línguas e

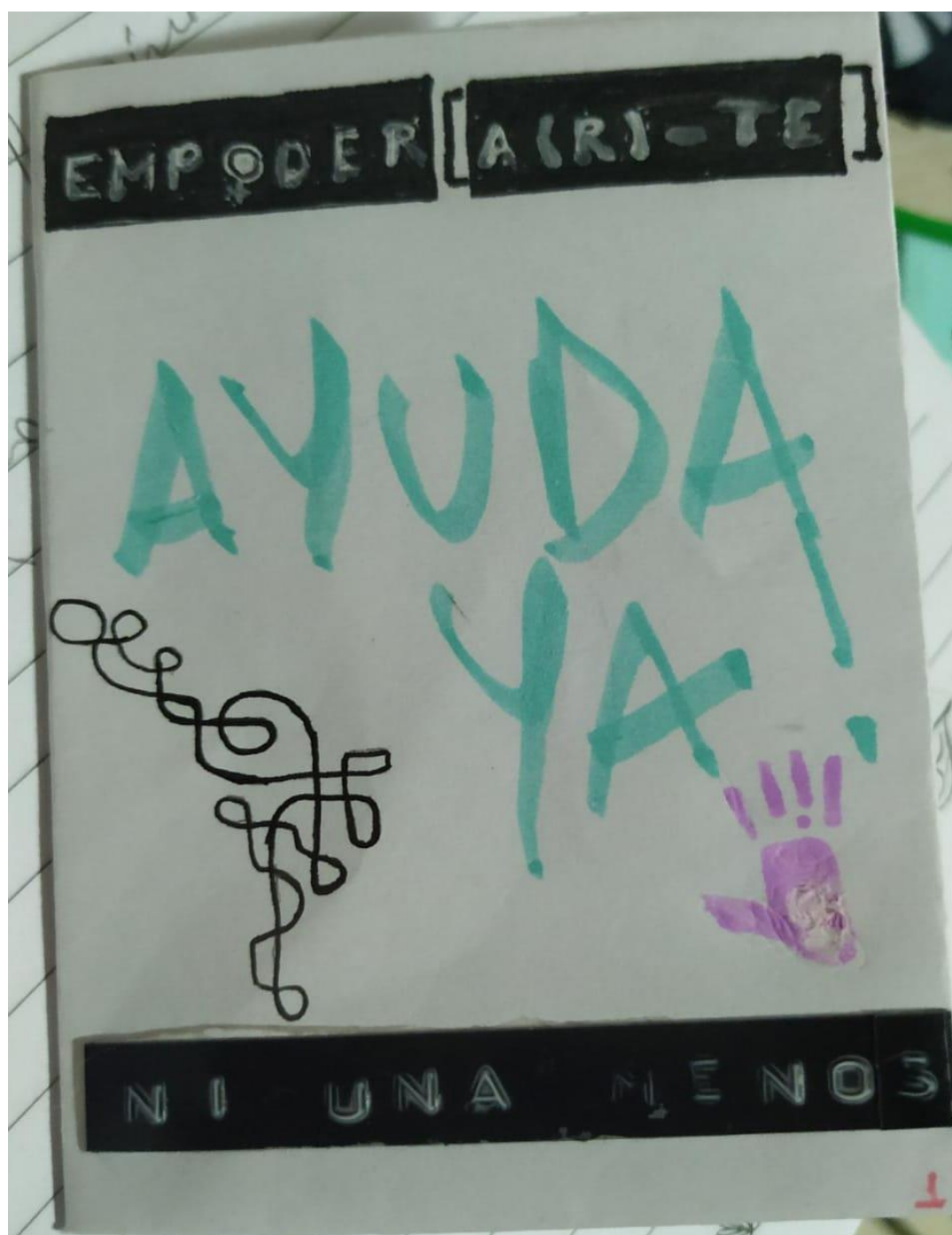
²Objetivo da disciplina: despertar gestores e mediadores culturais capazes de fomentar políticas culturais, ações comunitárias inclusivas e interculturais, gerando discussões participativas, desenvolvimento de trabalhos práticos diferenciada em seus distintos campos e experiências diversas na gestão cultural na América Latina e Caribe

dialetos, novas leis no caso dos estrangeiros e vivenciando essa nova realidade de acolhimento e ao mesmo tempo de preconceitos. E foi justamente por compartilhar desse sonho que iniciei minha trajetória em 2015 enfrentando diversas situações que somadas despertaram o interesse em promover o Empoder[a(r)-te] com o intuito de conscientizar as estudantes e consequentemente a sociedade.

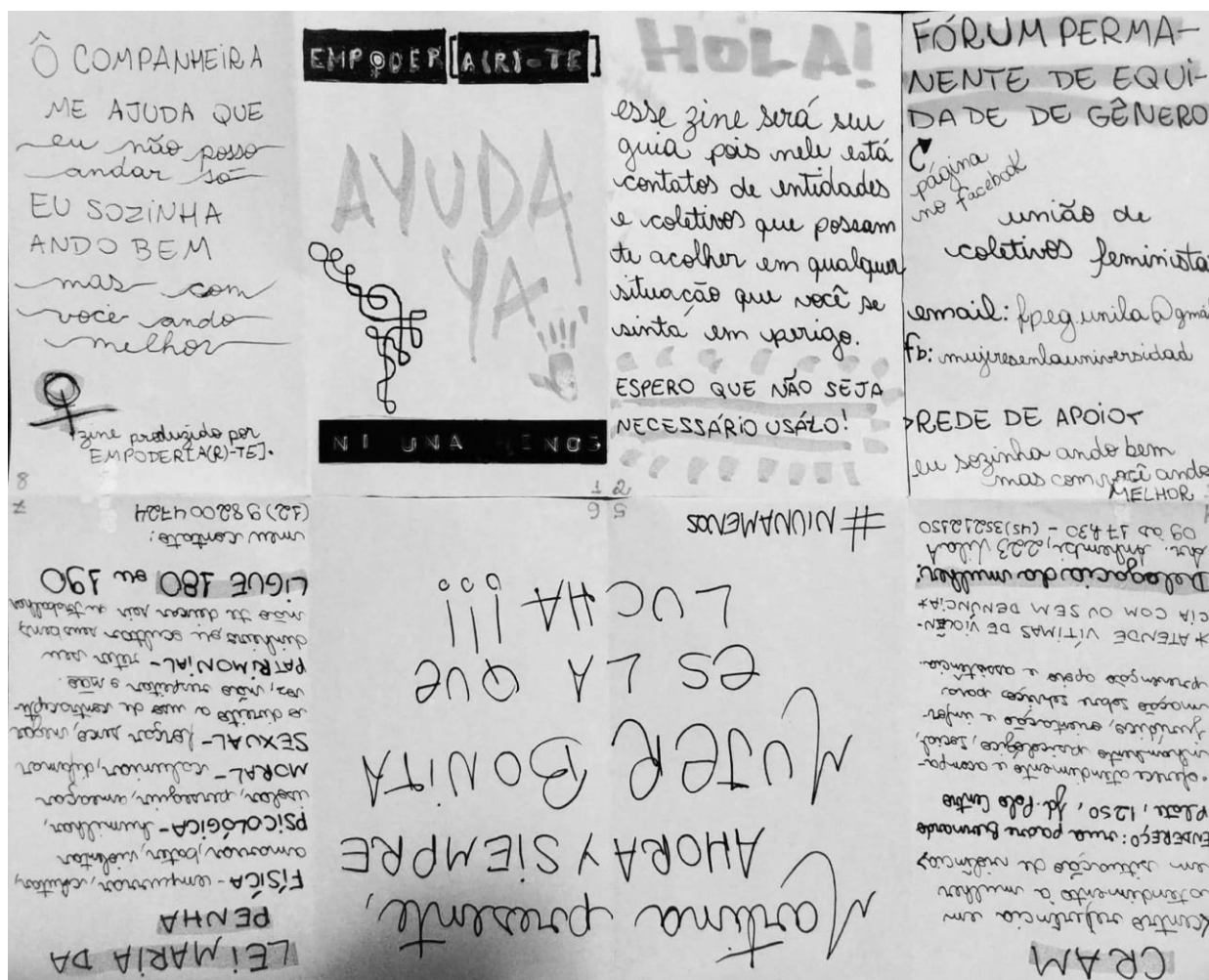
Durante a concepção do projeto Empoder[a(r)-te] eu participava dos debates promovidos pelo Fórum Permanente de Equidade de Gênero da UNILA. E por já estar envolvida com os temas, trouxe como análise de contexto o grande número de evasão de discentes mulheres por questões de violência de gênero no ambiente acadêmico e urbano na cidade de Foz do Iguaçu-PR. Diante desse panorama, a intenção foi auxiliar o encontro de mulheres para que juntas pudessem fortalecer uma rede de apoio, e divulgar os centros de ajuda à mulher, principalmente para as estrangeiras por não conhecerem as leis do Brasil, como a Lei Maria da Penha, a Delegacia da Mulher, a Ouvidoria da UNILA, a Comissões sociais de apoio à mulher disponibilizado pela UNILA, e o Centro de Referência de Atendimento à Mulher Vítima de Violência – CRAM.

Também me interessa colaborar para o reconhecimento do meio acadêmico e da cidade como espaços a serem ocupados por mulheres como forma de resistência à cultura patriarcal que rege tais estruturas, nos silenciam e reprimem nossas atitudes. As oficinas oferecidas a partir do projeto Empoder[a(r)-te] proporcionam, então, representatividade no que pensamos e lutamos, fornecendo espaço para diálogos sobre o feminismo a partir de leituras em rodas de conversa e oficinas de colagem para a confecção de fanzines. Nessas ações usamos da criatividade e da solidariedade para que as mulheres se reconheçam como indivíduos.

Como ação piloto do projeto, a confecção dos fanzines focaram na divulgação dos locais de apoio à mulher pelos Campus Jardim Universitário (JU) e Parque Tecnológico de Itaipu (PTI). Como no primeiro momento o projeto era somente uma proposta para a disciplina, não realizei nenhuma ação prática desdobrada, apenas produzi o zine apresentado abaixo (figura 2). Em seguida, imprimi cerca de 150 cópias do fanzine e distribuí pelo campus do Jardim Universitário (JU) e do Parque Tecnológico de Itaipu (PTI).



(Figura 2)



(Figura 3)

No próximo capítulo abordarei a segunda etapa deste projeto, um desdobramento da ideia que foi desenvolvida após conversas com amigas que foram me apresentando novos projetos com a mesma temática. A execução dessa segunda etapa aconteceu no segundo semestre de 2017 no Colégio Estadual Prof. Flavio Warken, situado no bairro Vila C na cidade de Foz do Iguaçu. Este processo contou com a parceria de novas colaboradoras para o preparo da sua execução. Realizei a primeira oficina com cerca de 20 meninas do 5º ano do Ensino Fundamental com aproximadamente 11 anos, exibindo o videoclipe da Mc Sophia intitulado *Menina Pretinha*, debatemos sobre o padrão estético e como a mídia influencia nossos comportamentos com suas revistas de modas. Após o diálogo, iniciamos a confecção dos fanzines.

A segunda parte da oficina aconteceu logo na sequência com apenas 4 garotas do 2º ano do Ensino Médio com aproximadamente 17 anos. Neste encontro assistimos o videoclipe da Luana Hansen - *Aborto, Ser mulher, Machismo, Prisão feminina*, sobre o qual debatemos e também criamos fanzines. O retorno desse dia foi muito grandioso, o que me inspirou a continuar seguindo com o projeto e por esse motivo eu o trago comigo até esse momento.



(Figura 4)



(Figura 5)

Na terceira etapa eu retornei para dentro da universidade, dessa vez concorrendo e sendo premiada com o Edital Nº 05/2018 PRAE – UNILA Chamada

Pública de Apoio a Projetos de Cultura e Esporte na Unila para trabalhar entre agosto e dezembro de 2018. Nesse novo modelo trabalhei em parceria com outras discentes que somavam voluntariamente em datas ocasionais. Juntas criamos um mapeamento de creches municipais da região e uma rede de contato para auxiliar na divisão do cuidado de crianças de mães discentes em horários de suas aulas, onde tínhamos o acesso ao espaço Ñande³, que a universidade disponibilizou para tal finalidade.

Outra atividade que realizamos com o projeto Empoder[a(r)-te] foi a roda de conversa sobre estratégias antifascistas e dissidentes com oficina de zine e cartazes, exibindo o documentário *Indomables* (2012) de Juan Felipe. Estavam presentes 6 discentes no dia 09/11/2018, semanas após o resultado da nova presidência do Brasil. Nesta ocasião, deixamos disponível o zine *Poetas Latino-Americanas* disponibilizado pelo As Minas na História, e o *Em Memória Delas* também criado pelas mesmas autoras, e distribuímos o texto *O Feminismo Na Era do Neoliberalismo Hegemônico* (2014) de Norma Mogrovejo. Debates sobre o documentário, sobre nossas expectativas para o ano seguinte e as criações dos zines foram bem livres e pessoais, cada uma levou o seu e não compartilhou o que criou. Para gerar um ambiente confortável deixamos disponível comes e bebes, oferecido pela Marita, pois para mim é uma maneira de tornar o ambiente mais afetivo.



(Figura 6)

³Ñande significa a primeira pessoa do plural na língua Guarani. “Nós, Nosso, Nossa.”



(Figura 7)

A quarta oficina também ministrei em parceria na 3ª edição do “Ocupe o Museu” realizada pelo Parque Tecnológico Itaipu e Itaipu Binacional no dia 01 de dezembro de 2018, iniciativa que abriu o espaço para que cerca de 1.585 pessoas pudessem ocupar e aproveitar uma série de atrações durante a tarde e início da noite pelas instalações do Ecomuseu. Disponibilizamos materiais de pinturas como folhas sulfites, lápis de cor, cola, glitter, canetinha, revistas para recorte, etc e nossa proposta encaminhada foi exibir o episódio 25 *Fúria e Poder Sobre Rodas* do desenho animado brasileiro *Irmão do Jorel*. O episódio trata sobre questões de gênero na infância, ponto de partida para iniciarmos uma conversa que guiou o “Diário dos nossos desejos” – trabalho onde as crianças criam sobre o que desejam ser quando crescer em um livrinho realizado por elas através, também, do método do fanzine.

Tal proposta sempre foi explícita em nosso projeto, mas no dia da ação nos deixaram em um ambiente onde não foi possível fisicamente fazer o uso de aparelhos eletrônicos para exibir o vídeo, e nossa oficina acabou virando um ambiente de pintura. Nossa maneira de resistir e driblar esse “silenciamento pacífico” foi conversar com as crianças, que em sua maioria estavam acompanhadas de seus responsáveis. Perguntamos a elas se achavam que existiam coisas de meninos ou meninas e então convidamos à realização do diário dos sonhos, no qual elas podem ser o que desejam.



(Figura 8)



(Figura 9)

A última oficina foi realizada no colégio Flavio Warken em 2019. Tive problemas logo que cheguei no espaço por não me sentir bem acolhida pela nova equipe de direção e como já havia realizado outras atividades no colégio, havia grandes expectativas. A oficina foi realizada em uma sala de aula com meninos e meninas entre 10 e 12 anos. A diretora, que já sabia do que se tratava o projeto, pediu para que uma professora me acompanhasse enquanto eu ministrava a oficina. Eu não tive a oportunidade de ficar sozinha com os estudantes, o que dificultou a criação de um vínculo amistoso, já que a professora sempre interrompia nossa oficina para chamar a atenção de algum aluno mais expressivo, ou com alguma crítica sutil ao projeto. Tais atos me geraram grande frustração e desconforto, tenho conhecimento que isso afetou negativamente o resultado do trabalho.



(Figura 10)

Em síntese, o projeto Empoder[a(r)-te] possui como missão gerar a conscientização através de oficinas para que pessoas não sejam reprodutoras de papéis impostos a elas e possam reivindicar discussões em suas relações sociais expandindo cada vez mais seus saberes.

CAPÍTULO 2

No presente capítulo detalharei o desenvolvimento da primeira oficina do projeto Empoder[a(r)-te], realizada no auditório do Colégio Estadual Professor Flávio Warken, situado no bairro Vila C Velha na cidade Foz do Iguaçu - Paraná, no ano de 2017. Aprofundarei sobre o conceito da arte-educação e do empoderamento, exemplificando na prática com o projeto como foram realizadas as trocas com as participantes a partir de questões sensíveis ao feminino com ênfase em temas como corpo, raça e gênero.

É possível considerar que as oficinas são também um instrumento de comunicação que possibilitam uma relação direta entre as participantes com troca de informações, opiniões e uma compreensão mútua, além de gerar entretenimento e expandir conhecimentos culturais. Mas para que elas se concretizem é preciso que primeiramente aconteça uma organização de ideias e ações antecipadas, assim como acontece com o Empoder[a(r)-te]. Para realizar as oficinas é preciso que as gestoras tenham o projeto cultural consolidado com técnicas, ferramentas de gestão e estratégias de execução.

A gestão cultural, de um modo geral, promove, incentiva e realiza projetos culturais a partir de qualquer área. Pode ser entendida como um tipo de administração voltada à área cultural, com especificidades relacionadas a bens não materiais, com valores simbólicos, como serviços culturais e atividades artísticas, e projetos com cunho social como exemplo do Empoder[a(r)-te]. Este surgiu, inclusive, como proposta de projeto piloto ao longo da disciplina Gestão Cultural, como citado no capítulo anterior.

A pessoa que atua como gestora cultural deve gerenciar projetos materializados em programas e atividades a partir de planejamentos, análises, avaliações de programas, projetos e políticas culturais, além diretrizes definidoras de políticas culturais, participando de todas as fases do processo: criação, produção, distribuição e difusão. Posso dizer que meu envolvimento com a gestão cultural iniciou em 2013, quando me integrei à grupos horizontais de minha cidade natal, São José dos Campos-SP, onde havia o desenvolvimento de projetos com propostas de políticas culturais pela cidade. Realizamos eventos como o *Catraca Cultural*, sarau com viés político, com oficinas para crianças, shows, espetáculos, etc; o *Cine Open Air* onde eram projetados filmes nas praças da cidade; e outros pequenos eventos particulares. Acredito que surge daí o interesse pelo curso de Letras, Artes e

Mediação Cultural, pela proposta da Arte-Educação e para além das intermédias, as oportunidades de Gestão e Produção Cultural que o curso oferece. Segundo o autor Luiz Augusto F. Rodrigues:

O gestor da cultura é alguém que estabelece com seu objeto e com os sujeitos nele envolvidos relações de compartilhamento de gestão e de responsabilidades, e os entende como processos dinâmicos, ambíguos e sujeitos a significações diversas. Como operar nesse campo de modo sistêmico? Simples: entendendo que as realidades culturais – e todas o são – precisam ser diagnosticadas segundo “escutas” precisas e desprendidas de idéias pré-concebidas. Entendendo que a realidade nos fornece a possibilidade de que precisamos para ver e aprender com ela, sendo justamente este o espaço de mediação que a torna concreta, desde que possamos abrir devidamente olhos e ouvidos. Sentir potenciais, responder a anseios e mesmo ampliá-los, reconhecer diferentes e particularizados modos de agir e de sentir. Planejar segundo os fazeres e os quererem que os diversos indivíduos e grupos deixam aflorar de seus cotidianos. (RODRIGUES, 2008, p. 3)



(Figura 11)



(Figura 12)

A partir das reflexões expostas, por mais que as técnicas propostas pelo projeto sigam sempre as mesmas temáticas, é importante reconhecer que cada oficina realizada é inserida em território singular, as práticas realizadas igualmente serão únicas. No guia para gestores, disponibilizado pelo Consejo Nacional de La Cultura y las Artes del Chile, tendo como ministro presidente Luciando Cruz-Coke Carvalho e editora Fabiola Leiva Cañete há uma importante passagem:

Al observar la práctica de artistas y gestores se pueden identificar dos puntos de partida. Uno tiene que ver con las ideas que surgen del proceso creativo de un artista o colectivo, determinado por sus códigos personales, su formación o su búsqueda artística. Cada creador es hijo de su época y su obra está vinculada estrechamente con el mundo que le toca vivir. Por lo mismo, el proceso que lo lleva a concebir un proyecto tiene un carácter único, determinado por su sensibilidad y formación. (CHILE⁴, 2011, p.22)

Baseado na proposta de educação problematizadora de Paulo Freire, não “levamos conhecimentos” para criar mentes pensantes, não partimos do pressuposto que estamos indo “salvá-las”, mas sim somar e aprender com as ideias que surjam dos processos criativos, determinados pelos valores pessoais e formações de cada

⁴ <https://www.cultura.gob.cl/wp-content/uploads/2013/04/guia-para-la-gestion-de-proyectos-culturales.pdf>

peessoa presente. Assim, como gestora tenho o que ensinar sobre as temáticas abordadas nas oficinas, mas as alunas também sempre surgem com seus saberes, frases e vivências que ensinam, que me remetem a expandir e buscar sobre temas, novas obras de artes, enfim, sempre novos mundos são tocados, ambas como sujeitos do conhecimento e aprendentes, e a oficina sendo um encontro de sujeitos que buscam conhecimentos.

Na educação problematizadora de Freire (1996) a relação entre educador e educando deve ser horizontal e dialógica para que haja a troca de conhecimentos e não haja relação de domínio de um sobre o outro. Tanto o educador quanto o educando possuem conhecimentos e experiências que deverão ser considerados durante a interação educativa. Para Freire não existe um conhecimento pronto, os sujeitos em interação e no movimento de práxis refazem a prática e a teoria constantemente. (FREIRE, 2011, p.25)

Para o projeto alcançar as técnicas necessárias contei com o conjunto de reflexões desenvolvidas após meu envolvimento com coletivos feministas e com o Fórum Permanente de Equidade de Gênero, onde foi possível fortalecer redes de amizades que ultrapassaram o âmbito universitário e colaboraram com o desenvolvimento da segunda etapa deste projeto, a primeira oficina prática. Amigas me apresentaram projetos com propostas similares ao Empoder[a(r)-te], novas teóricas com distintas abordagens do feminismo, além de serem o fortalecimento necessário umas às outras para lidarem com a rotina na fronteira iguaçuense.

Outra proposta metodológica que o projeto oferece é o cruzamento de fronteiras, atravessando os muros da Universidade e adentrando a comunidade na qual aquela está inserida. Várias ações foram promovidas pelo projeto à comunidade externa regional. A citada neste capítulo, para chegar até Colégio Flavio Warken, precisou se estruturar em um projeto cultural com Justificativa, Objetivos específicos, Objetivos Gerais, Metodologia, Resultado Esperados/Metas, Cronogramas e Orçamento, que foi entregue à equipe diretora do Colégio e contou também com o apoio da professora Ingrid Storniolo, que fez a mediação com a equipe pedagógica, tendo assim a aprovação do projeto.

As diretrizes estruturais desse projeto em específico iniciam com a Justificativa, que propunha o reconhecimento pessoal, a criatividade e solidariedade para que meninas reconhecessem como indivíduos. Possuía como interesse de ação as escolas municipais das regiões periféricas da cidade de Foz do Iguaçu, em específico o Colégio Estadual Flávio Warken, reunindo meninas do ensino fundamental e ensino

médio, entre 7 e 17 anos. O Objetivo Geral era a oficina realizada como forma de empoderamento e o Objetivo Específico possuía quatro tópicos, sendo eles: 1. Encorajar meninas para o reconhecimento como indivíduo. 2. Construir uma vivência a partir de suas vontades. 3. Estimular a autoestima. 4. Criar um ambiente confortável para que contem suas histórias.

A Metodologia foi linkada também por quatro itens: 1. Expor músicas e vídeos com temática feminista e instigar a crítica ao patriarcado e autocrítica. 2. Roda de conversa sobre a vivência de cada menina presente. 3. Oficina de criação dos fanzines e sarau para exposição. 4. Decorar a sala de aula em que será realizada a oficina, oferecer lanche comunitário durante a roda de conversa. Os Resultados Esperados/Metas: 1. Meninas encorajadas reconhecendo-se como indivíduos. 2. Que consigam alcançar seu espaço confortavelmente dentro de uma sociedade patriarcal. 3. Mulheres menos sujeitas às imposições estéticas. 4. Bem-estar entre todas as presentes para que contestem quaisquer questões que acham necessário.

A oficina foi dividida em duas ações, a primeira realizada com a presença da professora Ingrid Storniolo e 20 meninas entre 9 e 10 anos e a segunda com 4 meninas de 16 e 17 anos. As expectativas eram o oposto, que o número de meninas mais novas fosse menor ou igual ao número de meninas mais velhas, mas a experiência foi suprida uma vez que tivemos excelentes retornos em ambas as ações. Outro detalhe importante foi o acolhimento partindo da equipe escolar, desde diretor, coordenadoras, professoras, alunes e comunidade. Todos dispostos a ajudar e deixar o ambiente o mais confortável possível, pedindo informações para conhecer mais do projeto, inclusive terminando por pedir por mais ações do Empoder[a(r)-te] no colégio, uma vez que era alto o número de adolescentes grávidas e poderíamos programar ações com essa temática.

O preparo da ação iniciou-se em casa, ao preparar os materiais e os lanches para serem oferecidos. Os materiais escolares como folhas sulfites, canetas coloridas, cola glitter, fita adesiva colorida seriam utilizados para a criação dos fanzines, para o lanche preparei suco e biscoitinhos, desejando criar um ambiente mais afetuoso. Ansiosa e insegura, logo ao adentrar o colégio já fui bem recebida pelo vigilante, me instruindo com simpatia à secretaria, onde me esperavam com os equipamentos e a chave do auditório. A equipe diretora me conduziu até ao auditório, me deixando à vontade com o espaço ao mesmo tempo que se demonstraram disponíveis para o que fosse preciso.

A metodologia da primeira ação foi conduzida por mim e dividiu-se em três partes baseando-se no protótipo da abordagem triangular que por ser uma metodologia inconclusa permite que aicineira, gestoras, e educadoras façam contribuições a todo momento.

A primeira parte deu-se à contextualização dos temas escolhidos: o racismo, o empoderamento feminino e o padrão estético imposto pela mídia impressa. Um dos objetivos desse processo é instigar seus reconhecimentos como indivíduos que construam uma vivência de acordo com as suas vontades, para que possam levar a transformação adiante fazendo outras mulheres próximas perceberem o mesmo. Outro objetivo é estimular a autoestima, demonstrar que ali é um ambiente exclusivo e confortável, que elas podem se sentir à vontade para criar e contar a própria história a partir do seu lugar de fala, e então estarem bem para fazer o mesmo em qualquer espaço do mundo.

O primeiro material exibido para embasar o tema foi o audiovisual *Menina Pretinha* (2016) da rapper Mc Soffia. A direção de arte do clipe exalta elementos da negritude ao iniciar com a rapper dançando hip hop frente a um mural, a arte em grafite homenageando Yemanjá, que segundo Cristiane Barros (2006) é o primeiro orixá a ser criado, sendo a poderosa senhora das águas da Terra, mãe de todos os seres vivos e a gira de religiões de matriz africana, como Umbanda e Candomblé. Dentre as histórias existentes sobre a orixá Yemanjá permanece sua relação com o mar e os oceanos, primordial à Terra, sendo a água matriz da vida, e poder feminino e criador.



(Figura 13)

O referido clipe é composto somente por crianças negras entre 5 e 8 anos de idade, com os cabelos crespos soltos enfeitados com turbantes e laços coloridos, fortalecendo a consciência da negritude durante a infância, fase fundamental para a construção da autoestima de toda criança. Os turbantes são usados como símbolos de luta, resistência contra a discriminação e também como afirmação de suas identidades, empoderamento.



(Figura 14)

A obra contém elementos exaltando o respeito ao universo infantil como as Makenas Africanas, bonecas que as crianças seguram e o figurino hiphop utilizado. As Makenas são bonecas de pano pretas que geram representatividade para as crianças. Makena é um nome muito forte no Quênia, significa “A feliz”.



(Figura 15)

A localização do cenário onde o clipe se passa, a Pedra do Sal, foi tombada em 20 de novembro de 1984 pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural sendo onde se encontra a Comunidade Remanescentes de Quilombos. Durante o século XIX foi na Pedra do Sal onde surgiu as tradicionais rodas de samba urbano carioca e ficou conhecido como a Pequena África como mostra Edlaine de Campos Gomes (2014) no capítulo *Herdeiros da Pequena África, Narrativas Descompassadas*:

O acionamento do mito da Pequena África é analisado como reação singular dos que não foram contemplados pelo projeto de revitalização proposto pela prefeitura, “ao esquecimento dos espaços, patrimônios e memórias negras e do candomblé” (p. 53). Ressalta-se que respostas como essa estavam inscritas no contexto dos anos 1980, que culmina na Constituição de 1988, que formulou uma série de diretrizes referentes à preservação e valorização patrimonial da cultura negra, da “cidade negra”. Nesse período, na cidade do Rio de Janeiro, foram inaugurados o Sambódromo, o Terreirão do Samba, a Escola Tia Ciata, o busto de Zumbi do Palmares. (GOMES, 2014, p.4)



(Figura 16)

“Faço música de força e resistência. Quero ajudar as meninas negras para que elas se amem e se aceitem como são” (Mc Soffia, 2016). Sempre ao mencionar o trecho “Menina Pretinha, exótica não é linda. Você não é bonitinha. Você é uma Rainha!” Mc Soffia levanta o braço com o punho fechado, podendo interpretar a demonstração de resistência, força e luta. “Sou criança, sou negra, também sou resistência.” (Soffia, 2016)

Algumas alunas já conheciam a rapper e outras músicas de seu repertório, o que criou um ambiente de identificação. A partir do tema do videoclipe, iniciamos debates sobre o padrão estético e como a mídia influencia nossos comportamentos com suas revistas de moda destinadas ao público feminino.

Surgiram exemplos de sites, páginas de redes sociais, blogs com personalidades que elas acompanhavam e conseqüentemente seus estilos de vida as influenciavam em diversos momentos de suas vidas. Debates sobre como essas personalidades possuem uma realidade diferente de cada uma presente naquele espaço, e principalmente como elas expõem suas vidas, muitas vezes, de forma fantasiosas, construindo personagens felizes e perfeitas, o que impacta nossas vidas negativamente, pois ficamos sempre nos comparando à esses padrões de vida e corpos construídos através de procedimentos estéticos.

Citamos então exemplos de alguns vídeos que elas gostam de ver e problematizamos temas que elas já haviam visto em algum momento, como, por exemplo, materiais voltados a “Como agir para ele prestar mais atenção em você” ou

então o clássico “Dieta para perder X quilos em Y tempo” e como isso é prejudicial para nossa mente e corpo. Me surpreendi quando uma estudante surgiu com uma dúvida repentina, desfocando do tema ao qual conversávamos: “professora, o que é menstruação?”. A princípio procurei com o olhar a professora Ingrid para saber se poderia adentrar esse tema e com sutileza e resumidamente respondi que era uma fase da evolução do corpo da mulher e que elas teriam uma aula explicando exatamente sobre como ocorre esse processo.

Na segunda parte da oficina disponibilizei fanzines que possuía, os contextualizei e mostrei alguns exemplos de como criar o seu próprio. O que mais chamou atenção foi o fanzine *Alarme Feminista* Projeto de Arte Feminista e Independente que atuou em Sorocaba e região durante 2014 a 2020 e hoje tenta resistir através de redes sociais⁵, da artista Júlia de Moraes. O zine faz uma crítica à cultura da dieta, sendo esta tóxica à saúde do corpo e da mente.

⁵ Perfil onde o projeto atua no atual momento em que vivemos de isolamento social devido ao COVID-19 <https://www.instagram.com/alarmefeminista/>



(Figura 17)



(Figura 18)

Cada aluna apreciou com mais devoção um fanzine específico e para a confecção eu apenas sugeri que dobrassem as folhas sulfites ao meio, explicando não ser regra, que elas estavam livres para criar suas artes como sentissem vontade, o que resultou em diversos modelos e temas. Sem muitas dúvidas partimos para o fazer, a criação.



(Figura 19)

Disponibilizei materiais e muito diálogo. Surgiram zines com dizeres “todas as mulheres são lindas, as brancas e as pretas”, zine sobre alerta de feminicídio parecido ao qual havia disponibilizado, sobre “direitos iguais entre menino e menina”, “um dia especial da mulher negra”, e o que trago como discussão para esse trabalho foi o zine da Estudante A sobre gordofobia. Farei a análise do zine amparada neste pensamento de Efland, que segundo Barbosa (2020 p.423), na década de 70 percebe que a Educação Artística nada tinha a ver com os estudos da arte, iniciando o uso de imagens da arte nas salas de aula, do jardim da infância aos ateliês nas

universidades, chegou a publicar diversos artigos e livros, sendo dois os que mudaram o status da arte na educação, um sobre Arte e Cognição e outro sobre História do Ensino da Arte, voltando ao que nos diz Efland (2020):

A Arte é educacionalmente importante porque equipa indivíduos com relevantes ferramentas para desenhar seu mundo. As ferramentas ou estratégias cognitivas envolvidas nesse processo de aprendizagem incluem a imaginação como uma função esquematizadora e suas extensões pelas projeções metafóricas. A metáfora, em particular, constrói ligações que nos permitem entender e estruturar o conhecimento em diferentes domínios, para estabelecer conexões entre coisas aparentemente não relacionadas. As disciplinas que permitem jogar com esses aspectos da cognição, deveriam constituir o cerne do currículo, em que podem se tornar bases para a compreensão e o entendimento. (EFLAND apud BARBOSA, 2010, p.343).

Em seu zine, a Estudante A abordou o tema da gordofobia. A capa de seu zine traz a ilustração de uma menina com bochechas avantajadas e com a frase “As gordinhas também são lindas” e o conteúdo do zine traz a seguinte reflexão: *“Muitas vezes as mulheres gordas se isolam, porque não gostam de sua aparência, não gostam do seu jeito e não gostam do seu cabelo. Única coisa que eu tenho a dizer é: SEJA VOCÊ MESMA!”*⁶. Seu texto nos faz questionar como uma criança de apenas 9 anos pode chegar a se sentir com uma cultura que impõe um padrão estético inalcançável. O padrão estético cultural e valores sociais impostos pela sociedade patriarcal e propagado pela mídia estão cada vez mais deturpados, tudo gira em torno do dito corpo perfeito que adoece mulheres cada vez mais cedo, interferindo na imagem que elas constroem de si. Pode-se dizer que a massa é direcionada rumo à muitos conflitos, pois até mesmo homens estão na busca pelo “corpo perfeito”.

Os padrões estéticos aprisionam as pessoas dentro de suas cobranças mentais e acabam camuflando diversas doenças que surgem na busca descontrolada pela perfeição. Elas precisam ser brancas, mas muito magras, mas não muito, terem os olhos claros, cabelo longo e liso, de preferência loiro, enfim, uma infinidade de regras e que se renovem sempre para que a indústria e a economia estética se beneficiem de suas inseguranças, por esse motivo precisamos estar em constante alerta sobre a ideologia da beleza como cita Naomi Wolf:

A reação contemporânea é tão violenta, porque a ideologia da beleza é a última das antigas ideologias femininas que ainda tem o poder de controlar aquelas mulheres que a segunda onda do feminismo teria tornado

⁶ Texto sem alteração ortográfica extraído do fanzine produzido pela Estudante A na oficina do projeto Empoderarte realizado no Colégio Estadual Flávio Warken.

relativamente incontroláveis. Ela se fortaleceu para assumir a função de coerção social que os mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade não conseguem mais realizar. Ela procura neste instante destruir psicologicamente e às ocultas tudo de positivo que o feminismo proporcionou às mulheres material e publicamente. (WOLF, 1992 p.13)

Abri espaço para que as alunas pudessem apresentar seus trabalhos e após a exibição da estudante A debatemos sobre o assunto. Todas as presentes tinham insatisfações com seus corpos, meninas entre 9 e 10 anos dizendo não gostar de seus cabelos, a cor de seus olhos, suas alturas, formato de corpo, etc. Para contrapor a situação indaguei o que cada uma fazia para além da sala de aula, o que gostavam de fazer, quais suas habilidades, o que admiravam umas nas outras e assim fomos criando diálogos com elogios para além do físico. Assim elas enxergaram que uma maneira de lutarmos contra a “ditadura da beleza” é estarmos unidas, que beleza está para além do corpo físico, que nossas habilidades são o que nos determinam enquanto beleza.



(Figura 20)

Indagando sobre como nós mulheres podemos agir para além dos limites do mito da beleza, Naomi Wolf diz:

Vamos perder a vergonha. Ser vorazes. Procurar o prazer. Evitar a dor. Vestir, tocar, beber e comer o que tivermos vontade. Ser tolerantes com as escolhas das outras mulheres. Perseguir o sexo que quisermos e lutar ferozmente contra o que não quisermos. Escolher as nossas próprias causas. E, depois de superarmos e transformarmos as regras de tal forma que o nosso sentido da beleza não possa ser abalado, vamos cantar essa beleza, embelezá-la, exibi-la e nos deleitar com ela. Numa política sensual, ser mulher é bonito. Uma definição da beleza que tenha amor pelas mulheres supera o desespero com a brincadeira, o narcisismo com o amor a si mesmo, o despedaçamento com a inteireza, a ausência com a presença, a inércia com a animação. Ela admite que as pessoas sejam radiantes: que essa luz seja emitida pelo rosto e pelo corpo,

em vez de ser uma luz dirigida para o corpo, ocultando o eu. Essa luz é sexy, variada e surpreendente. Seremos capazes de vê-la em outras mulheres sem medo e afinal poderemos vê-la em nós mesmas. (WOLF, 1992 p.388)

Os trabalhos criados pelas alunas durante a oficina ficaram comigo, com a proposta de retornarmos futuramente em um sarau para a exposição. Infelizmente não foi possível concretizar o sarau. Nos despedimos em ciranda, todas em roda de mãos dadas cantando:

Companheira me ajuda

Que eu não posso andar só,

Eu sozinha ando bem

Mas com você ando melhor

As expectativas que havia criado foram superadas, as oficinas serviram como importante disparador de reflexões críticas ao debatermos sobre os temas que surgiram: da autoestima quando ajudamos a enxergar nossas belezas para além do corpo físico e entendemos que a ditadura da beleza serve somente para impulsionar o sistema capitalista com nossas inseguranças; e de sentimentos ao enxergar cooperatividade, solidariedade e união entre alunas se ajudando e aconselhando, se escutando, todas se deixando atingir umas pelas outras, compartilhando, e ao mesmo tempo acolhendo onde se sentiam tocadas pela arte e pelas falas das outras. Fui muitas vezes acolhida e recebi conhecimentos das trocas, passei o que havia proposto e recebi muito.

Enquanto escrevia este trabalho entrei em contato com a professora Ingrid Storniolo para que pudesse proporcionar uma devolutiva sobre sua visão da oficina, pois a visão do outro não deixa passar detalhes que muitas vezes não enxergamos, além de ser uma busca sobre informações de como as crianças ficaram após a oficina. Apesar do tempo já passado desde a realização da oficina, vejo com muita importância seu relato, até mesmo como motivador para que eu continue enxergando um futuro para o projeto Empoder[a(r)-te]:

Vou partir do fato que, aqueles meus alunos eram todos que de alguma forma davam "problemas" na sala de aula, problemas no sentido de comportamento, falta de atenção, notas baixas. E ali nas minhas aulas eu tentava fazer algo diferente, aprender sem ser por meio de reforço, tentar não repetir o que eles já viam na sala de aula, que era professor ensinando e aluno quieto.

Na sua oficina foi um dia que resolvi tirá-los da escola e levar eles pra conhecer outra escola com laboratório de química, espaço de teatro e inclusive ter sua oficina fez parte dessas atividades diferenciadas que eles fizeram nesse dia. Aqueles alunos eram da Escola Municipal Arnaldo Isidoro de Lima, alunos do 5º ano, eles estavam acostumados com o sistema de aprendizagem, onde aprendem somente dentro da sala de aula. Sua oficina foi incrível porque conseguimos prender atenção de alunos que são intitulados como alunos que não se concentram nas aulas. Conseguimos conversar, dialogar e propor atividades que todas participaram, foi realmente produtivo. Após aquela atividade e após o breve momento que eu passei pela escola Arnaldo pude perceber a diferença nos alunos, eles realmente estavam exaustos de sempre fazerem o mesmo tipo de atividade todos os dias e a partir desse momento eles começaram a cobrar dos professores por atividades diferentes ou outras formas de ensinar.

Sobre sua atividade que era a produção de fanzines né? Me lembro de algo sobre desenhar o que elas achavam empoderador nas mulheres. Era isso mesmo? Lembro de conversar com a mãe de uma aluna, ela foi lá na escola me agradecer dizendo que a filha dela estava muito animada pelas atividades do colégio, que ela nunca tinha visto essa motivação antes. E sobre meu olhar foi incrível ver as meninas concentradas na atividade, porque era realmente difícil prender a atenção delas (risos) (Ingrid Storniolo, 2021).



(Figura 21)

CAPÍTULO 3

A escolha em relação ao tema do projeto Empoder[a(r)-te] está pautada em minha trajetória pessoal e acadêmica. Não foi uma decisão imparcial tampouco neutra trazer este tema para este trabalho. Em seu livro *Gênero, Patriarcado e Violência*, Heleieth Saffioti (2011), em seu capítulo *A mulher brasileira nos espaços público e privado*, afirma que não somos nós quem escolhemos nosso campo ou tema de trabalho, mas sim somos escolhidos por ele.

Aliás, o próprio interesse pela temática já revela um compromisso político-ideológico com ela. Na verdade, a história de vida de cada pessoa encontra-se com fenômenos a ela exteriores, fenômeno denominado sincronicidade por Jung, e que permite afirmar: ninguém escolhe seu tema de pesquisa, é escolhido por ele. (SAFFIOTI, 2011, p. 43)

Por mais que eu tenha escolhido e sido escolhida pelo tema, muitas vezes surgiram dúvidas em relação a prosseguir com o projeto pela falta de solidez e amparo, o que precisei enfrentar dentro de uma cultura sexista, como já citei brevemente nos capítulos anteriores e voltarei a mencionar posteriormente. Paulo Freire aponta que “toda neutralidade proclamada é sempre uma escolha escondida, na medida em que os temas, sendo históricos, envolvem orientações valorativas dos homens na sua experiência existencial” (1978, p.89). Portanto, em fuga da neutralidade, neste terceiro capítulo apontarei o futuro que enxergo para o projeto Empoder[a(r)-te], quais ações são necessárias como gestora cultural e oficineira, em quais áreas buscar formação para consolidar o projeto e quais instituições poderiam me apoiar, além do quão importante se fez enxergar tais detalhes a partir deste processo de mapeamento e pesquisa.

O campo de estudo do projeto sempre promoveu muitas trocas, afetei e fui afetada durante o preparo e a realização das oficinas, ao provocar reflexões enquanto pesquisadora, gestora cultural, mulher passível de sofrer com as estruturas patriarcais, que nos regem ditando regras sobre nossos corpos e passível de sofrer violências de gênero pelo simples fato de ser mulher. Em sua monografia de graduação, Ana Luisa Hickmann discorre sobre afetar e sermos afetadas em campo de pesquisa, aliás sinto necessidade de citar Hickmann pois além de amiga, ela tem grande influência no projeto Empoder[a(r)-te], assim como me sinto honrada e inspirada por ter visto seu projeto desde início.

Quando estes autores discorrem sobre o “afeto” em campo, se referem ao fato de que a/o antropóloga/o, ao contrário do que diziam os antropólogos clássicos que defendiam a neutralidade na pesquisa de campo, deve se deixar afetar, ou seja, refere-se a ser afetado “não no sentido da emoção que escapa da razão, mas de afeto do resultado de um processo de afetar, alguém ou além da representação” (GOLDMAN, 2005, p.150) [...] estar tão próxima do tema de alguma forma iria interferir em meu trabalho? (HICKMANN, 2019, p.69)

Não existe lugar isento de violência em uma cultura sexista. Durante a preparação das oficinas, enquanto vivenciava expectativas 'fantasiosas', as experiências me puxavam para a realidade de uma cultura que não nos trata sempre com o respeito que aguardamos. Pude analisar que, por mais que venhamos optando nos relacionar cada vez mais com pessoas do nosso nicho social (mulheres, LGBTQ+, feministas, ativistas de diversos segmentos) por acreditar que estaremos livres de repressões de uma cultura sexista, nos enganamos. Acabamos demorando a perceber as violências que vem de dentro desses grupos que deveriam nos acolher. Saffioti ensina que para que tais atitudes existam, não necessariamente é preciso que exista uma figura masculina na interação, mas sim a manutenção das ideologias que mantêm todo o sistema por quem as queira usar, garantindo controle e autoridade.

O patriarcado ou ordem patriarcal de gênero é demasiadamente forte, atravessando todas as instituições, como já se afirmou. Isto posto, por que a Justiça não seria sexista? Por que ela deixaria de proteger o *status quo*, se aos operadores homens do Direito isto seria trabalhar contra seus próprios privilégios? E por que as juízas, promotoras, advogadas, mesárias são machistas? Quase todos o são, homens e mulheres, porque ambas as categorias de sexo respiram, comem, bebem, dormem etc., nesta ordem patriarcal de gênero, exatamente a subordinação devida ao homem. Se todos são socializados para ser machistas, não poderá esta sociedade mudar, caminhando para a democracia plena? Este processo é lento e gradual e consiste na luta feminista. Trocar homens por mulheres no comando daria, com toda certeza, numa outra hierarquia, mas sempre uma hierarquia geradora de desigualdades. (SAFFIOTI, 2011, p. 94)

Retorno aos exemplos citados no primeiro capítulo deste texto, a penúltima oficina ministrada com o projeto Empoder[a(r)-te], em parceria com a 3ª edição do “Ocupe o Museu” realizada pelo Parque Tecnológico Itaipu e Itaipu Binacional em 2018 e a última oficina realizada no Colégio Estadual Prof. Flávio Warken em 2019. Ambos os espaços tinham como representantes lideranças de mulheres, o que a princípio me passava certa segurança para a realização das atividades, apesar de serem épocas em que estávamos vivenciando mudanças no governo com a ascensão da extrema direita no país. E ficou nítido quando, na realização da oficina no Ocupe

o Museu, passamos pelas mais diversas formas de silenciamento possíveis, ainda que o Objetivo e a Metodologia do projeto tivessem sido expostos desde o princípio. Fomos colocadas em um local onde ficava impossível exibir o audiovisual selecionado para aquela oficina específica, o episódio da série *Irmão do Jorel* que aborda sobre questões de gênero quando o personagem principal questiona se tal situação da cena é “coisa de menina ou de menino”.

Outro silenciamento e desrespeito que vivenciamos ocorreu enquanto estávamos arrumando a bancada com nossos materiais para a realização dos fanzines, empilhando as revistas que disponibilizaríamos para a realização dos recortes e colagem. A responsável da edição do evento passou e recolheu algumas edições dizendo serem proibidos tais exemplares, com ar de deboche. Já não seria possível exibir o audiovisual proposto, não teríamos as revistas para que as crianças experienciassem seus processos criativos livremente como propusemos inicialmente.

Enfim, a forma com que eu e aicineira que me acompanhava encontramos para driblar tal silenciamento e desrespeito e não tornar a oficina uma área de criação sem proposta e temática foi informar as crianças que ali criaríamos o “diário dos desejos”, onde elas teriam que desenhar o que desejavam ser e se elas achavam existir “coisas para meninos e para meninas”. Os resultados foram surpreendentes, como na criação do fanzine “A lutadora de kung-fu mulher” de uma criança que participou da oficina e criou a história de uma garota que gostaria de ser lutadora de Kung-fu e apesar de todos a desaconselhar e riem de seu sonho, foi ela quem os salvou de um grande vilão e a partir de então todos aceitaram e se orgulharam do fato dela ser lutadora.

Houve alguns responsáveis que, ao escutar a explicação de introdução da oficina e nossas conversas com as crianças, preferiram as retirar da oficina para levar para outras ações do evento. No fim do evento, pedimos nossas revistas de volta e nos foi dito que temos que ter mais cuidado com o que apresentamos às crianças, mas que apesar de tudo tínhamos feito um bom trabalho com elas.

Já no colégio Estadual Prof. Flávio Warken, todos os passos foram diferentes da primeira oficina realizada em 2017, a equipe educadora havia mudado e a diretora que desta vez me recebeu, já não possuía o clima acolhedor e tampouco amigável. Pelo contrário, logo a princípio eu precisei aguardar cerca de 50 minutos para que ela liberasse, visivelmente a contragosto, a sala em que eu poderia ministrar a oficina, já agendada. Toda confiança que adquiri com os anos que passaram desde a primeira

oficina, começou a ser posta em cheque, principalmente quando foi determinado que eu só poderia ministrar a ação com a presença de uma professora, o que a princípio não estava combinado, e que até então eu não conhecia.

Para serem realizadas, as oficinas precisam gerar um ambiente de confiança em que as crianças se sintam à vontade para expor suas vivências, para que em um curto espaço de tempo possamos nos familiarizar o máximo possível. Além disso, se faz impossível seguir o protótipo da abordagem triangular (contextualizar / apreciar / fazer) em apenas 40 minutos sobre temas delicados. Tentei dialogar sobre com as responsáveis da instituição, sem sucesso. Fui agressivamente silenciada, e no acelerar da situação não tive muito como reagir além de aceitar tudo o que era proposto e manejar a oficina como conseguisse, tentando me doar ao máximo às crianças.

Já em sala de aula, tentava relaxar e ignorar a presença da professora ao fundo no canto, parada, em pé, como um soldado. Me sentia vigiada, como se a qualquer momento eu pudesse cometer um grande delito. Focava nas crianças, desenvolvia a ação, mas a professora estava sempre interrompendo com chamada de atenção aos alunos mais expressivos, o que para mim não há problema nenhum, todas as expressões são válidas e importantes. Interrompia também com críticas sutis ao projeto, como por exemplo “vocês precisavam estar tendo aula sobre o tema x hoje e não estar cortando papelzinho”. Foi desrespeitoso do início ao fim, mas ainda assim não contestei em momento algum, consegui ignorar e tirar bons resultados da realização.

Preferi deixar que os alunos levassem seus zines “diário do desejo”, onde eles desenharam o que queriam ser quando crescessem após debatermos “existem coisas para meninos e para meninas, por quê?”, para finalizar em casa já que não tivemos tempo suficiente para finalizar em sala. Na hora de ir embora lembro de não estar bem, estava atordoada e muito zonda, meu pé enroscou no portão da escola e tropecei, precisei de ajuda para voltar para casa, ainda que eu morasse uma rua atrás do colégio. Sei que esse fato de desatenção aconteceu por não ter conseguido responder à linguagem opressora vivenciada, por ter sido silenciada e ter tido meu projeto desrespeitado, principalmente por mulheres.

Ainda que eu tenha vivenciado tais adversidades nas duas últimas ações com o projeto, com a experiência e formação que eu tinha no momento lidei com as situações e reverti da melhor forma que pude, para que o que passei não chegasse

até as crianças que são sempre o meu objetivo nesses momentos. Independentemente do que aconteça, quando estou com elas consigo me manter firme, pensar rápido em alternativas metodológicas que não comprometam muito o resultado da oficina, além da reflexão que as oficinas possam resultar para elas.

Para poder reverter situações inesperadas durante oficinas já em realização, precisei passar por processos de preparação e formação. Para o futuro do projeto Empoder[a(r)-te] se faz necessário continuar tais processos para conquistar uma base mais sólida. Ter aumentado minha rede de contatos com arte-educadoras, gestoras, gestores culturais eicineiras de diversos projetos, com temáticas distintas, foi me trazendo cada vez mais conhecimento a partir das trocas que temos. Além da representatividade e familiaridade de podermos compartilhar o que vivenciamos em nossos campos, seja com apoio para enxergar o que não conseguimos ou com ideias para novas criações.

Também se faz necessário aumentar a bagagem teórica, sempre em busca de formação, por exemplo sobre os conteúdos dissertados por Ana Mae Barbosa como a abordagem triangular e a arte-educação, ambas citadas anteriormente, que fizeram eu me encontrar enquanto arte-educadora. Para estes estudos, é importante acrescentar mais conteúdos de vertentes feministas, que me levam para criação de novas redes onde é possível debater e estar sempre me atualizando sobre os cenários sociais e políticos.

Também será importante me especializar em psicologia ou contar com a companhia de umaicineira que tenha conhecimentos dessa área para lidar com situações como a que aconteceu na segunda ação da primeira oficina que realizei, quando ainda não possuía formação e sensibilidade para lidar com o que surgia das criações realizadas pelas participantes. Eu já havia executado uma longa ação com meninas entre 9 e 10 anos antes, como relatado no capítulo anterior, que exigiu uma grande doação já que eu realizava as oficinas sozinha. Para a ação em que exemplificarei a necessidade de um olhar especializado para detalhes, estavam presentes quatro meninas. Por conta de suas idades e por eu estar sozinha, senti certa insegurança para a interação e acredito que isso tenha atrapalhado a desenvoltura da atividade.

A metodologia da segunda ação também seguiu o protótipo da abordagem triangular de Ana Mae Barbosa sendo conduzida por mim. A primeira parte foi destinada à contextualização do tema: gênero, machismo, aborto e encarceramento

feminino. Exibi a entrevista com a DJ e MC Luana Hansen, intitulado *Aborto, Ser mulher, Machismo, Prisão feminina* (2016) para a Revista Vaidapé.⁷ Questionei o que elas tinham achado da entrevista e se conheciam a Luana, ninguém a conhecia, e a única a responder foi a Estudante B (17 anos), disse ter achado o relato impactante.

Por sentir que o desenrolar da ação não estava conforme havia planejado, improvisei com o fazer da oficina. Perguntei o que elas achavam sobre a maneira como a mídia, principalmente a mídia impressa, expunha os corpos femininos e se elas já haviam comprado revistas “destinadas ao público feminino”. Historicizei sobre o fanzine, relatando ser uma alternativa às ditas revistas femininas, onde poderíamos criar nossas próprias revistas em contraponto ao que a grande mídia faz. Iniciamos a criação de nossos zines, enquanto elas me relatavam sobre situações que ocorriam no colégio como rivalidade feminina, homofobia, lesbofobia, abusos, etc.



(Figura 22)

Me chamou atenção a criação realizada pela Estudante C (16 anos), e seu fanzine é algo que me atinge até hoje, pois infelizmente percebo que deixei detalhes importantes passarem despercebidos. Era preciso ter conversado mais com a aluna em questão, pois o zine expressa um possível caso de abuso e mesmo com a abertura de espaço ela não se sentiu segura para expor seu caso e pedir ajuda. Talvez seja só a interpretação que eu possa ter dado à arte do fanzine, e isso serviu para que meu olhar ficasse mais

⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=Nshd9-AbWUU&t=1s>

atento nas oficinas posteriores. Talvez seja só a interpretação que eu possa ter dado à arte do fanzine, e isso serviu para que meu olhar ficasse mais atento nas oficinas posteriores. A capa do zine traz a denúncia de um possível abuso com a frase “Estremeço quando me toca, temo que seja Ele” acima de um desenho figurando uma menina de saia com os peitos descobertos e no lugar de sua boca e seus olhos possuem um ‘X’, sobrepondo a figura da menina possui o desenho de uma mão e em cada um dos dedos traz uma letra formando a palavra “CULPA”. Na página seguinte possui a ilustração de uma menina que está olhando a capa da revista “*Capricho*” com os dizeres “Perca 50kg em uma semana”, além disso traz a frase “Oh No! I’m So Ugly” e a ilustração induz que a menina seja feia e a estampada na capa da revista seja bonita. Demonstra então como se faz necessário minha dedicação sobre uma formação que dê ferramentas para lidar com esses temas de forma respeitosa e ética ou contar com apoio de pessoas que tenham tais formações no momento das oficinas, pois é justamente nessas ocasiões que crianças e adolescentes manifestam seus sofrimentos, fazendo denúncias, por exemplo.

Como reforça a importante expoente da luta anti-manicomial no Brasil, Nise da Silveira, a única mulher em uma turma de 158 alunos na Faculdade de Medicina da Bahia, utilizou o suporte teórico Junguiano, ao afirmar que atividades artísticas podem produzir uma eficácia terapêutica, desde que realizadas em um ambiente de afeto e convivência como proponho com as oficinas do projeto Empoder[a(r)-te].

Em 1957, Nise é convidada por Jung para passar um ano estudando com ele no Instituto Junguiano, na Suíça, além de expor o acervo do Museu de Imagens do Inconsciente no II Congresso Internacional de Psiquiatria. Na época, Jung já tratava seus pacientes como seres únicos e não via a patologia de maneira isolada, portanto acreditava que o processo de cada paciente também seria único, não existindo uma receita de tratamento para cada doença. Na volta ao Brasil, em 1958, ela criou o Grupo de Estudos Carl Gustav Jung no Rio de Janeiro, que coordenou até o seu falecimento, em 1999 (MELO, 2005). Nise, ao assumir o Setor de Terapia Ocupacional cria um ateliê. Utilizando o suporte teórico Junguiano, ela desenvolve um modo de compreensão para a linguagem do inconsciente tornando-se a primeira terapeuta brasileira a usar a criação artística como método terapêutico de exploração do inconsciente. Nas palavras da própria Nise da Silveira “O atelier de pintura me fez compreender que a principal função das atividades na Terapêutica Ocupacional seria criar oportunidade para que as imagens do inconsciente e seus concomitantes motores encontrassem formas de expressão. Numa segunda etapa viriam às preocupações com a ressocialização.” Sempre inovadora, ela insere a pintura e a escultura como chances para aquelas pessoas se expressarem. Verdadeiras obras foram produzidas, e Nise mostrou que essas artes eram muito mais do que belos quadros: todas contavam de um modo peculiar a história do inconsciente de cada um. Propor práticas humanas e valorizar a criatividade dos pacientes dentro daquela rígida instituição foi, na prática, fazer revolução. (VIEIRA, CAVALCANTI E CAVALCANTI, 2017, pp.262,263)

Além do já exposto, considero importante estar atualizada sobre as figuras de linguagem midiática que cada geração está consumindo para que eu possa gerar um ambiente de identificação, principalmente em oficinas de curta duração onde o vínculo precisa ser gerado mais rápido. O desenho animado que as crianças de 7 anos assistem não é o mesmo que as crianças de 13 anos gostam, com a música e videoclipe ocorre a mesma coisa, cada faixa etária tem sua preferência e é sempre possível encontrar conteúdos que se adequem ao tema com que quero trabalhar. Seria interessante além de necessário pesquisar quais manifestações artísticas fazem parte do repertório dos estudantes, descobrindo qual clipe eles assistem antes de projetar, quais músicas eles escutam, quais desenhos acompanham, etc. Para não gerar o desinteresse que se gerou na oficina aqui exemplificada é importante ter sempre várias opções preparadas e de início conversar com as participantes da oficina sobre o que elas vêm assistindo, lendo, seguindo e escutando atualmente.

Outro detalhe importante, principalmente após os acontecimentos nas últimas oficinas realizadas, é investigar com mais atenção e antecipação sobre o local onde realizar as oficinas, mesmo que haja reunião para apresentar o projeto e este seja aceito. O que enxergo para o projeto é parte do caminho que já venho percorrendo desde o início da graduação, a partir da matriz do projeto desejo criar outros protótipos para participar de concursos e editais disponibilizados por setores públicos e privados.

Ter participado da *Semana de Gestão e Políticas Culturais* promovida pelo Observatório Itaú Cultural em 2018, me trouxe conhecimentos sobre a Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei nº. 8.313/91) conhecida popularmente como Lei Rouanet que institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) formado por outros três mecanismos: o Fundo Nacional de Cultura (FNC), o Incentivo Fiscal (Mecenato), e o Fundo de Investimento Cultural e Artístico (FICART), que apoiam financeiramente diversos eventos e projetos culturais.

Fundações Culturais, Prefeituras e Secretarias Culturais, também possuem edições de editais de apoio à projetos culturais contemplando diversas áreas de cultura e, diferente da Rouanet, tais editais não depreciam projetos locais ou iniciantes, inclusive abrangem projetos que tenham como destino de execução locais afastados do centros urbanos, sendo essa uma das principais ideias do projeto Empoder[a(r)-te], realizar as oficinas atingindo todos os públicos, indo até as regiões periféricas.

No atual momento pandêmico em que vivemos, o governo regulamentou a Lei Aldir Blanc (14.017/2020) que destinou diversos mecanismos de auxílio emergencial, manutenção e fomento cultural à artistas, produtores, técnicos e espaços culturais como forma de auxiliar um dos setores mais afetados pela pandemia do COVID-19. Entre os pontos do decreto, por motivos de segurança, está que os subsídios seriam destinados para a realização de atividades artísticas e culturais que pudessem ser transmitidas pela internet ou disponibilizadas por meio de redes sociais e outras plataformas digitais.

Desde então, tenho planejado expandir o Empoder[a(r)-te] para plataformas digitais, não somente visando o fomento, mas a visibilidade que o projeto conquistaria, estando disponível e abrangendo um número maior de pessoas. Ainda não desenvolvi por completo essa proposta, mas utilizaria as redes sociais pelo abrangente acesso, e ofereceria oficinas com as mesmas propostas que já realizei. Além disso, utilizaria o canal para criar rodas de conversa com especialistas sobre temas necessários, por exemplo, saúde íntima de pessoas com vagina, e convidaria uma médica ginecologista para falar a respeito.

Desejo expandir o projeto, torná-lo grande o suficiente para que se torne um evento próprio, baseado em um festival, dando espaço para que diversas oficinas simultâneas possam acontecer com temáticas específicas, com apresentações de música, dança e teatro. Assim, proporia espaço para que surjam novas arte-educadoras, oportunidades de cursos paraicineiras, artistas e pessoas que se identifiquem com as ideias do projeto. O evento aconteceria em um local específico, onde as participantes pudessem vivenciar uma imersão no assunto durante o período, talvez um final de semana, onde aconteceriam atividades como expressão corporal, serigrafia, stencil, defesa pessoal, fanzines, imagem e identidade, além de apresentações e outras experiências enriquecedoras com dinâmicas de entrosamento e fortalecimento da autoestima.

ANEXO I TERMO ENTREVISTA

DECLARAÇÃO

Eu Ingrid Almeida Lima Storniolo Berezoski RG 152609566 e CPF 37712032874, autorizo Ariadne Taissa Dias Pires Ferreira a utilizar meu nome e o depoimento concedido na entrevista realizada em 04/09/2021 em prol da pesquisa **EMPODER[A(R)-TE] - oficinas de empoderamento através da arte-educação** realizada no Curso Letras - Artes e Mediação Cultural da Universidade Federal da Integração Latino- Americana (UNILA).

Foz do Iguaçu 06 de setembro de 2021

A handwritten signature in black ink that reads "Ingrid Storniolo". The script is cursive and fluid, with the first name "Ingrid" and the last name "Storniolo" clearly distinguishable.

Assinatura do declarante

ANEXO II PROJETO

Foz do Iguaçu, 12 de novembro de 2018

ANEXO I - ROTEIRO DO PROJETO E FICHA DE INSCRIÇÃO

1 - TÍTULO DO PROJETO:

EMPODER[A(R) - TE]

2 – RESPONSÁVEL PELA EXECUÇÃO

nome; Ariadne Taissa Dias Pires Ferreira

e-mail; adne.pires@hotmail.com

curso; Letras - Artes e Mediação Cultural

3 – CARGA HORÁRIA e DISPONIBILIDADE DO RESPONSÁVEL PARA EXECUÇÃO DO PROJETO

2 encontros mensais, duração de 4 horas cada encontro.

4 – EQUIPE EXECUTORA

nome; Ariadne Taissa Dias Pires Ferreira

e-mail; adne.pires@hotmail.com

curso; Letras - Artes e Mediação Cultural

5 - ANÁLISE DE CONTEXTO E JUSTIFICATIVA (máximo de 3 páginas)

Empoder[a (r) te] ou seja, empodera-te com arte, é um projeto de empoderamento de meninas e mulheres através da arte e da cultura propondo atividades e oficinas voltadas ao reconhecimento pessoal, criatividade e solidariedade, com a ideia de encorajar meninas, entre 6 e 18 anos, para a partir de um reconhecimento como indivíduo que pode falar e viver por si, construam uma vivência de acordo com as suas vontades, ajudando as mulheres próximas a

perceberem o mesmo. Queremos estimular a autoestima das garotas para que, num ambiente exclusivo e confortável, elas se sintam à vontade para criar e contar a própria história a partir do seu lugar de fala, e então estejam bem para fazer o mesmo em qualquer espaço do mundo.

Para estimular a construção de ideias para que as meninas se expressem livremente de uma forma simples, criativa e original, abriremos as possibilidades de reconhecimento para atingir o fortalecimento interno e para lidar melhor com a nossa comunidade, reconhecendo a cidade e permitindo que as dificuldades de questões de gênero que surjam as influenciem a resistir, ter voz e ocupar seus espaços, uma vez que vivemos em uma sociedade patriarcal que por muitas vezes nos silencia e reprime nossas atitudes. Proporcionar o diálogo sobre feminismo, de acordo com a idade das mesmas, uma vez que muitas nunca tiveram contato e possibilidade de obter conhecimento sobre.

6 - OBJETIVO GERAL

Oficinas, exibição de curtas e vídeos clipes, rodas de conversa, realizadas como forma de apoio e empoderamento feminino contra as imposições patriarcais e do padrão estético, que ainda se faz presente, através da arte e cultura com a realização de fanzines em torno do tema central do projeto.

7 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Possibilitar, a partir de conversas informais, uma possível iniciação das meninas sobre questões que envolvem o movimento feminista, respeitando a idade e entendimento de cada uma.
2. Estimular a autoestima.
3. Estimular o companheirismo e apoio entre mulheres.
4. Criar um ambiente confortável para que ajam nas oficinas.
5. Oficinas de produção de fanzine contra a imposição do padrão estético, e o que mais surgir de interesse.
6. Conversar sobre a vivência de cada participante.

7. Mapeamento de lugares em que poderão recorrer caso sintam-se ameaçadas e/ou sofram qualquer tipo de violência de gênero na cidade.
8. Compartilhar cartilhas com o mapeamento dos lugares dito no item anterior
9. Exibição de filmes que contemplam a temática feminista
10. Trabalhar em cima de músicas, poemas e vídeo clipes instigando a crítica ao patriarcado e empoderamento feminino.
11. Entrega dos fanzines criados pelas participantes digitalizados e impressos
12. Deixar opção para que as participantes criem uma ação em conjunto para expor os fanzines.

8 - PÚBLICO

Meninas entre 8 e 18 anos residentes na cidade de Foz do Iguaçu.

9 -METODOLOGIA (máximo de 2 páginas)

Cada oficina contará com um espaço confortável e agradável e com um número estimado de 25 meninas classificadas conforme a idade, com uma roda de conversa sobre a vivência de cada participante, como forma de conhecê-las, estando sempre presente com materiais de apoio como vídeos, músicas e revistas sobre a temática. Após o bate-papo, passaremos o filme Valente (2012), e/ou vídeo clipe que trabalhem com o empoderamento da mulher fora do padrão, assim como Mc Carol, Karol Conka, Mc Sophia, Meghan Traino, etc, classificado de acordo com a idade das participantes, e depois da exibição do filme, outro momento de conversa para em seguida sugerir que se formem duplas ou grupos para iniciarmos a criação do nosso fanzine.

Através de uma ferramenta de comunicação escrita, geralmente de produção independente, que é o fanzine, vamos estimular a construção de ideias para que as meninas se expressem livremente de uma forma simples, criativa e original. Assim abriremos as possibilidades de reconhecimento para atingir o fortalecimento interno e lidar melhor com a nossa comunidade.

Após o término, tendo os zines em mãos, vamos xerocá-los, digitaliza-los e compartilha-los junto das cartilhas com o mapeamento de lugares que elas poderão

recorrer caso sintam-se ameaçadas e/ou sofram qualquer tipo de violência na cidade, e em seguida devolver os zines originais para as criadoras num próximo encontro que se realizará uma semana após a primeira ação. No caso de todas concordarem, propomos uma mostra final dos trabalhos realizados para a comunidade, com os zines expostos em um varal para que tod@s possam lê-los como encerramento das oficinas.

10 - CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

Atividades	Locais	Datas e horários	Entidades envolvidas
Mapeamento dos locais de apoio (exposto no “entidades envolvidas”) e criação das plataformas de divulgação das oficinas	Domicílio	Mês de março, antes do início das oficinas.	Centro Referência em Atendimento à Mulher em Situação de Violência - CRAM, Centro de Referência de Assistência Social- CRAS, Delegacia da Mulher, a Comissões sociais de apoio à mulher disponibilizado pela UNILA.
Oficina Empoderarte	Colégio Estadual Prof. Flavio Warken	23/03/2019	Colégio Estadual Prof. Flavio Warken

Oficina Empoderarte com meninas de 8 a 10 anos	Colégio Estadual Prof. Flavio Warken	19/04/2019	Colégio Estadual Prof. Flavio Warken
Oficina Empoderarte com meninas de 11 a 13 anos	Colégio Estadual Prof. Flavio Warken	17/05/2019	Colégio Estadual Prof. Flavio Warken
Oficina Empoderarte com meninas de 14 a 16 anos	Colégio Estadual Prof. Flavio Warken	14/06/2019	Colégio Estadual Prof. Flavio Warken
Oficina Empoderarte com meninas de 17 a 18 anos	Colégio Estadual Prof. Flavio Warken	05/07/2019	Colégio Estadual Prof. Flavio Warken
Exposição dos zines	Colégio Estadual Prof. Flavio Warken	Uma semana seguinte à primeira oficina.	Colégio Estadual Prof. Flavio Warken

Há a ideia de realizarmos as oficinas em outras instituições, mas a única que demonstrou um interesse inicial foi o Colégio Estadual Profº Flavio Warken, ainda que isso não tire a iniciativa de no próximo ano (2019) tentarmos novamente o contato com instituições como o CRAM, Ecomuseu de Itaipu, Biblioteca Comunitária CNI, Colégio Barão do Rio Branco, etc.

11 - INDICAÇÃO DE ESPAÇOS, EQUIPAMENTOS E SERVIÇOS DA UNILA PARA DESENVOLVER O PROJETO

Como interesse de ação, visa-se colégios da região, para uma maior participação da população iguaçuense, uma vez que o projeto será aberto e amplamente divulgado para toda a comunidade, assim sendo, não será necessário a ocupação de espaços da Unila, mas sim possíveis empréstimos de equipamentos

como projetor multimídia, caixa de som, etc, podendo haver a necessidade de deslocamento por meio de veículos da instituição.

13 – DOCUMENTAÇÃO QUE COMPROVE A EXPERIÊNCIA

Ariadne Pires

Produtora cultural, mediadora cultural e facilitadora de oficinas artísticas. Atuou como criadora e produtora nos projetos Catraca Cultural e Open Air São José em São José dos Campos – SP em 2013. Em Foz do Iguaçu coordena o projeto Empoderarte desde 2017 e Horta Comunitária da Soberania Alimentar desde 2017.

Portifólio online disponível através do link:
<https://www.instagram.com/portifolioad/>

Contatos:
[\(adne.dpires@gmail.com\)](mailto:adne.dpires@gmail.com)

14 – ANEXOS

ANEXO II - CARTA DE ANUÊNCIA

Foz do Iguaçu, 13 de novembro de 2018

Ao

IMEA Instituto Instituto Mercosul de Estudos Avançados (IMEA-UNILA)
 Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)

EMPODERAR (R) - TE

Projeto: _____

Eu abaixo assinado,

Maria Aparecida da Mata

Cargo diretora da

entidade/instituição Colégio Est. Prof. Flávio Warken - CFM

tenho pleno conhecimento do projeto em epígrafe proposto por

Ariadne Taira Dias Luis Azevedo e confirmo

nossa intenção de participar do mesmo.


MARIA APARECIDA DA MATA
 DIRETORA - AUXILIAR
 RG: 6.502.750-0
 Res. 741/2016 - doe 04/03/2016

COLÉGIO EST. PROF. FLÁVIO WARKEN - CFM
fozflaviowarken@seed.pr.gov.br
 Rua Sapocai 609, Cap. 85170-690, Conjunto "C"
 (41) 3575-5023 - Foz do Iguaçu - PR

Nome da Pessoa

BIBLIOGRAFIA:

ANDRAUS, Gazy. **Zines e artezines: a arte das publicações paratópicas**, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte - Educação no Brasil, Realidade hoje e expectativas futuras**, 1989, Artigo encomendado pela Unesco à INSEA, Disponível em < <https://www.scielo.br/j/ea/a/yvtmjR7MGvYKjPDGPqgBv6J/?format=pdf&lang=pt> > Acesso em 01 jun. 2021.

_____. **As mutações do conceito e da prática**. In: BARBOSA, A. M. (Org.). Inquietações e mudanças no ensino da arte . São Paulo: Cortez Editora, 2008.

_____. **Autobiografia**. Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 46-361, maio/ago. 2017.

_____. **Homenagem a Arthur Efland (1929-2020)**. 423 Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 423-424, maio/ago. 2020.

_____. [entrevista concedida ao] SESC. mais 60– **Estudos sobre Envelhecimento**, local de publicação, Volume 29 , Número 72, p. 98-111, Dezembro de 2018. Disponível em < https://issuu.com/sescsp/docs/idosos_cuidadores > Acesso em 15 ago. 2021.

BARROS, Cristiane Amara de. Iemanjá e Pomba-Gira: imagens do feminino na Umbanda. Juiz de Fora, 2006.

BERTH, Joice. **Empoderamento - feminismos plurais** / Joice Berth. -- São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019.

BRASIL, Ministério da Educação e Desportos. Secretária da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: Conhecimento de Mundo**. v. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CANTO, Fernanda S. G. Y. do; BRITO, Maria C. P.; DIAS, Carmen L.. **A importância das linguagens artísticas no desenvolvimento infantil**. Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão, Presidente Prudente, 21 a 24 de outubro, 2013

CHILE, Consejo Nacional de la Cultura y las Artes. **GUÍA PARA LA GESTIÓN DE PROYECTOS CULTURALES**. Valparaíso, 2011.

CRUZ, Sor Juana de la. **Respuesta de la poetisa a la muy ilustre Sor Filotea de la Cruz**. 2006. Disponível em <<https://biblioteca.org.ar/libros/132027.pdf>> Acesso em 01 set. 2021.

EFLAND, A. **Imaginação na cognição: o propósito da Arte**. In: BARBOSA, A.M. (Org.). *Arte/Educação contemporânea: consonâncias internacionais*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010, p. 318-345.

FREIRE, L. A. M. **Educação em Saúde com Adolescentes: uma análise sob a perspectiva de Paulo Freire**. 2011. 82f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 3ª.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

GALEANO, Eduardo. **O Livro dos Abraços**. Porto Alegre: L&PM, 1995.

GOMES, Edlaine de Campos. **Herdeiros da Pequena África: Narrativas Descompassadas**, Ponto Urbe Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, 2014.

HICKMANN, Ana Luisa. **O CRAM no bairro: a atuação do centro de referência rejane marisa dal bó no combate à violência contra as mulheres**. 2019. 110 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Antropologia e Diversidade Cultural Latino-Americana) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2019.

LIMA, José Lezama. **La expresión Americana**. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 2001.

RODRIGUES, Luiz Augusto F. **Políticas públicas de cultura do estado do Rio de Janeiro: 2007-2008**. Organização, Maria Amélia Curvello...[et al.] – Rio de Janeiro: Uerj/Decult, 2009. 170p. p. 76-93.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado, Violência**, 2ed. São Paulo Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

SARDENBERG, Cecília M. B. **Conceituando “empoderamento” na perspectiva feminista**, p. 6. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6848>

TERÁN, O. (Comp.) Michel Foucault. **Discursos, Poder y Subjetividade**, Buenos Aires: Ed El ciclo por Asalto, 1995.

VIEIRA, Humberto; CAVALCANTI, Marcus Alexandre de Pádua; CAVALCANTI, Eliane Cristina Tenório. **Imagens Do Inconsciente Alianças Entre Arte E Terapia.** Revista Valore, Volta Redonda, 2 (2): 259-271, Ago./Dez. 2017.

WOLF, Naomi. **O Mito Da Beleza - Como As Imagens De Beleza São Usadas Contra As Mulheres.** Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1992.

REFERÊNCIAS ARTÍSTICAS:

HANSEN, Luana. **Aborto, Ser mulher, Machismo, Prisão feminina**. Entrevista concedida à Revista Vaidapé. São Paulo, 2016. (316 min). Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=Nshd9-AbWUU&t=3s> >

IRMÃO do Jorel. **Fúria e Poder Sobre Rodas**. Criador: Juliano Enrico. Co-Produzida: Cartoon Network, TV Quase e Copa Studio, Brasil. 2014 (4 Temporadas).

MOGROVEJO, Norma. **O feminismo na era do neoliberalismo hegemônico**. 2014. Difusão Herética Edições. Disponível em < <https://apoiamutua.milharal.org/files/2014/01/o-fem-na-era-do-neoliberalismo-hegemonico-zine.pdf> > Acesso em 01 set 2021.

MORAES, Julia de. **Perca 7 meses por uma dieta**. Fanzine Alarme Feminista. 2015 Disponível em < <https://www.instagram.com/alarmefeminista/> > Acesso em 01 ago 2021.

SOFFIA, Mc. **Menina Pretinha**. Diretor: Vras77. Assistente: Washington WTO. Rio de Janeiro. 2016 (162 min).

VARANIS, Beatriz. **Em Memória Delas**. As Minas na História. Ano Desconhecido. Disponível em < <https://asminanahistoria.wordpress.com/zines/> > Acesso em 10 set 2021.

_____. **Poetas Latino-Americanas**. As Minas na História. Ano Desconhecido. Disponível em < <https://asminanahistoria.wordpress.com/zines/> > Acesso em 10 set 2021.